

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EVERTON MITHERHOFFER BERNARDES

MOVIMENTAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS NA LINGÜÍSTICA ENTRE 1861 E 1880

CURITIBA

2022

EVERTON MITHERHOFER BERNARDES

MOVIMENTAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS NA LINGUÍSTICA ENTRE 1861 E 1880

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Borges Neto

Coorientador: Prof. Dr. Márcio Renato Guimarães

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Bernardes, Everton Mitherhofer

Movimentações epistemológicas na linguística entre 1861 e 1880. / Everton Mitherhofer Bernardes. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Borges Neto

Coorientador : Prof. Dr. Márcio Renato Guimarães

1. Linguística – História - Século XIX. 2. Análise (Filosofia). 3. Ciência - Filosofia. 4. Gramática comparada e geral. I. Borges Neto, José, 1951-. II. Guimarães, Márcio Renato, 1967-. III. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. IV. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **EVERTON MITHERHOFER BERNARDES** intitulada: **Movimentações Epistemológicas na Linguística entre 1861 e 1880**, sob orientação do Prof. Dr. JOSE BORGES NETO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 01 de Junho de 2022.

Assinatura Eletrônica

01/06/2022 17:09:56.0

JOSE BORGES NETO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

01/06/2022 17:04:59.0

MÁRCIO RENATO GUIMARÃES

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

23/06/2022 15:41:28.0

GISSELE CHAPANSKI

Avaliador Externo (CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTA CRUZ,
UNISANTACRUZ)

Assinatura Eletrônica

01/06/2022 17:02:25.0

OLGA FERREIRA COELHO SANSONE

Avaliador Externo (33002010)

Aos meus pais. Hoje e sempre.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que me fizeram acreditar nos meus sonhos e me apoiaram mesmo nas maiores dificuldades. Obrigado por terem me ensinado que o nosso lugar também é na universidade.

Aos meus tantos amigos (que sorte tenho em tê-los!), que tornaram esses anos pandemoníacos em algo suportável e belo. Aos da linha 8 diamante – Kaique, Vick, Fernandes, Bárbara, Kai – por me lembrarem que tenho mais de um lar. Aos daqui – Filipe, Mitsuo, Gabriel, Giu, Raven, Juliana, Mari, Liz, Amanda – pelos jogos, ceias, fofocas e desabafos. Às germanistas do meu coração – Deborah, Marluce e Cris – por me fazerem acreditar que existem mesmo pessoas maravilhosas nessa área. Aos amigos que surgiram inesperadamente na internet – Binha, João, Caio, Bá, Helô, Morgana – e acompanharam a minha ranzinze, obrigado por escolherem ficar. À Elisângela, por me ouvir há tantos anos. Ao Isaac, por estar ao meu lado nos melhores e piores momentos. À Ana, três vezes, por toda a vida.

Aos professores que me apoiaram e fizeram esse trabalho e toda a minha carreira acadêmica possível: meus orientadores Márcio Renato Guimarães e José Borges Neto e meus ex-orientadores Ruth Bohunovsky e Marcelo Paiva de Souza.

Às professoras Olga Coelho, Cristina Altman e Gissele Chapanski, pela participação nas bancas e pelas trocas incríveis sobre historiografia e filosofia da ciência.

Aos outros tantos professores especiais que passaram pela minha vida e me fizeram, também, professor.

Dropping science like Galileo dropped the orange.

(Beastie Boys)

I drop science and keep the peace.

(Paris)

RESUMO

Nesta dissertação, apresentarei um estudo do período entre os anos de 1861 e 1880 na linguística realizada nas instituições europeias. O trabalho possui dois objetivos centrais: em primeiro lugar, submeter à crítica as análises já realizadas do período nos âmbitos da filosofia da ciência (LEROUX, 2007), da sociologia da ciência (AMSTERDAMSKA, 1987) e da historiografia linguística (KOERNER, 1989g); em segundo, reanalisá-lo a partir de um quadro teórico da filosofia da ciência sociológica e historiograficamente informado. Para tanto, parto do pressuposto de que os valores cognitivos adotados pela comunidade de cientistas desempenham um papel mais substancial do que os valores sociais defendidos individualmente (LAKATOS, 1970; LACEY, 2008), ainda que os últimos se manifestem em algum grau. Os linguistas do período considerados no trabalho serão os seguintes: Johan Nicolai Madvig (1805-1886), Georg Curtius (1820-1885), August Schleicher (1821-1868), Max Müller (1823-1900), Heymann Steinthal (1823-1899), William Dwight Whitney (1827-1894), August Leskien (1840-1916), Berthold Delbrück (1842-1922), Hermann Paul (1846-1921), Hermann Osthoff (1847-1909), Karl Brugmann (1849-1919). Ao longo do trabalho, tentarei mostrar que o modelo de ciência da linguagem proposto pelos jovens gramáticos (ou neogramáticos) se diferencia do proposto por seus antecessores tanto no nível social quanto no cognitivo.

Palavras-chave: Filosofia da linguística. Filosofia da ciência. Linguística do século XIX. História da linguística. Jovens Gramáticos.

ABSTRACT

In this dissertation, I will present a study of the period between 1861 and 1880 in Linguistics as executed in the universities of Europe. This work has two central aims: firstly, to submit to criticism past analysis of this period in the fields of Philosophy of Science (LEROUX, 2007), Sociology of Science (AMSTERDAMSKA, 1987), and Linguistic Historiography (KOERNER, 1989g); and secondly, reanalyse it through the lenses of a Philosophy of Science's framework sociologically and historiographically informed. I follow the assumption that the cognitive values adopted by the community of scientists plays a more substantial role than the individually advocated social values (LAKATOS, 1970; LACEY, 2008), even though the last manifest themselves in a certain level.. The linguists of the period considered in this work are the following: Johan Nicolai Madvig (1805-1886), Georg Curtius (1820-1885), August Schleicher (1821-1868), Max Müller (1823-1900), Heymann Steinthal (1823-1899), William Dwight Whitney (1827-1894), August Leskien (1840-1916), Berthold Delbrück (1842-1922), Hermann Paul (1846-1921), Hermann Osthoff (1847-1909), Karl Brugmann (1849-1919). In this work I will try to demonstrate that the model of science of language proposed by the young grammarians (or neogrammarians) is different from the one proposed by their predecessors both in the social and cognitive levels.

Keywords: Philosophy of Linguistics. Philosophy of Science. 19th century Linguistics. History of Linguistics. Neogrammarians.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O entendimento materialista (Lacey, 2008).....	22
Figura 2: Modelo de programas de pesquisa científica.....	45
Figura 3: O programa de pesquisa científica schleicheriano.....	91
Figura 4: O programa dos jovens gramáticos (1).....	92
Figura 5: O programa dos jovens gramáticos (2).....	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Lista de autores e obras abarcados.....	48
Tabela 2: Cadeiras de filologia nas universidades alemãs (1864-1880).....	84
Tabela 3: Número de periódicos de filologia publicados na Alemanha (1860-1880)..	85

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

CVG – Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen (August Schleicher, 1861-1862)

ERC – A Estrutura das Revoluções Científicas (Thomas Kuhn, 1962)

GLP – Grundzüge der Lautphysiologie zur Einführung in das Studium der Lautlehre der indogermanischen Sprachen (Eduard Sievers, 1876)

KPS – Kleine philologische Schriften (Johan Nicolai Madvig, 1875)

VMU – Vorwort: Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen (Hermann Osthoff e Karl Brugmann, 1878)

PDS – Principien der Sprachgeschichte (Hermann Paul, 1880)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 VALORES E CIENTIFICIDADE.....	20
2.1 VALORES SOCIAIS E COGNITIVOS.....	21
2.2 NEUTRALIDADE E IMPARCIALIDADE.....	27
2.3 A LINGUÍSTICA ENTRE 1861 E 1880 E A QUESTÃO DOS VALORES.....	30
2.4 UM MODELO PARA O PROBLEMA: A PROPOSTA LAKATOSIANA.....	44
3 DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS NA LINGUÍSTICA (1861-1880).....	48
3.1 AS BASES FILOSÓFICAS DOS PROGRAMAS.....	57
3.2 AS BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DOS PROGRAMAS.....	64
4 O PAPEL INSTITUCIONAL PARA O PROGRAMA.....	82
5 O MODELO LAKATOSIANO APLICADO.....	90
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS.....	99

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do século XIX, parte da Europa observou o estabelecimento de novas áreas de estudo formalizado. Uma dessas áreas, localizada nos estudos da linguagem, foi a linguística. A Alemanha se tornaria ao longo do século o principal centro de estudos da linguagem na Europa e presenciaria o desenvolvimento uma vertente da linguística chamada de linguística comparativa. O termo designa, de modo sintético, um conjunto amplo de teorias, técnicas e assunções filosóficas que se ocupam das mudanças linguísticas ocorridas ao longo da história. Nesse contexto histórico os linguistas se ocupavam majoritariamente das línguas indo-europeias, buscando compreender a composição dessa família e o grau de semelhança entre essas línguas.

No entanto, a linguística comparativa não foi homogênea, tampouco foi a única disciplina da linguística realizada no século XIX, mesmo se considerarmos o recorte alemão. Com o surgimento de outras áreas do conhecimento nas universidades, como a psicologia experimental e as ciências sociais, bem como o desenvolvimento de novas teorias dentro de ramos já bem estabelecidos, como o evolucionismo na biologia e o uniformitarismo na geologia, as diferentes ramificações da linguística também se inspiraram nas ideias que essas áreas traziam para a atividade científica, usando-as para compor suas próprias bases filosóficas, metodológicas e teóricas.

Entre 1861 e 1862 é lançada uma obra fundamental da linguística comparativa: o *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen* [Compêndio da gramática comparativa das línguas germânicas], de August Schleicher (1821-1868). Esse trabalho, apesar de se pautar em uma metodologia previamente elaborada por linguistas como Franz Bopp (1791-1867), Jacob Grimm (1785-1863) e Rasmus Rask (1787-1832), é responsável por trazer uma reestruturação à linguística comparativa, fornecendo-lhe novas roupagens filosóficas e teóricas. Schleicher faz escola, tornando-se a principal referência dos estudos linguísticos na metade do século e treinando boa parte dos linguistas que o sucederiam.

Pouco tempo após sua morte, porém, um grupo de linguistas mais jovens se colocaria como uma espécie de vanguarda da linguística comparativa, questionando o estado em que a área se encontrava na década de 1870. Esse grupo, que ficaria conhecido como jovens gramáticos (ou neogramáticos¹), se colocou inicialmente como uma antítese de Schleicher e seus adeptos, mas o caráter inovador das mudanças propostas por eles foi questionado tanto por seus contemporâneos (em especial linguistas que compactuavam com ou haviam sido treinados por Schleicher) quanto posteriormente (como veremos posteriormente nas discussões levantadas pela historiografia, em especial por E.F.K. Koerner). No ano de 1880 seriam publicadas duas obras tidas como sínteses do programa dos jovens gramáticos: *Principien der Sprachgeschichte* [Princípios da história da língua], de Hermann Paul, e *Einleitung in das Sprachstudium* [Introdução ao estudo da língua], de Berthold Delbrück.

No entanto, a linguística comparativa schleicheriana e a dos jovens gramáticos não foram as únicas vertentes dos estudos da linguagem nessa altura do século. Heymann Steinthal (1823-1899), outro linguista alemão, desenvolveu uma linguística de ordem generalista inspirada pela psicologia, ao mesmo tempo que realizava estudos tidos como mais técnicos – isto é, que lidavam estritamente com a descrição de aspectos morfológicos, sintáticos e fonológicos das línguas observadas. William Dwight Whitney (1827-1894), um linguista estadunidense, pautou-se em discussões surgidas na geologia e em estudos sobre lógica para propor uma linguística que se ocupasse do papel social da linguagem e seria amplamente lido na Alemanha a partir da década de 1870. Johan Nicolai Madvig (1804-1886), classicista dinamarquês que só publicaria seus textos em alemão no fim da vida, defenderia ideias parecidas com as de Whitney, mas com pontos de partida completamente diferentes. Além dessas novas abordagens de pesquisa sobre línguas e linguagem, a filologia, área já bem firmada nas universidades europeias, se viu obrigada a tomar decisões que garantissem seu futuro, relacionando-se ora de maneira conflituosa, ora de maneira harmônica com a linguística.

1 A tradução mais recorrente na língua portuguesa é *neogramáticos*, por influência do termo *neogrammarians* encontrado na literatura em língua inglesa. Dou preferência ao termo *jovens gramáticos* pelo único motivo de estar mais próximo do original alemão *Junggrammatiker*.

Por que, então, poderia ser proveitoso estudar esse momento da linguística sob a ótica da filosofia da ciência? Trata-se do período de surgimento e estabelecimento acadêmico de uma nova área no qual naturalmente ocorreram debates e disputas acerca dos objetivos dessa ciência, suas fundamentações filosóficas e teóricas, seu objeto de estudo, suas ciências auxiliares, além de jogos sociais e políticos dentro das instituições que foram capazes de aumentar ou diminuir o nível de sucesso dos grupos e cientistas envolvidos.

Este trabalho se dedicará ao estudo do período entre 1861 e 1880 usando primordialmente o instrumental de Lakatos (1970), Amsterdamska (1987) e Lacey (2008), buscando dar especial atenção à cientificidade da linguística, isto é, aquilo que constituía essa ciência em si – suas metodologias, técnicas, teorias, hipóteses, resultados, etc. Considero que esse recorte, com sua extensa bibliografia primária e secundária, pode servir de base para um estudo sistematizado e aprofundado da linguística a partir da filosofia da ciência. Uma vez aplicado o modelo que será adotado neste trabalho, se feito com êxito e obtendo resultados relevantes, espera-se que possa abrir espaço para outros trabalhos que dialoguem com ele, seja submetendo este mesmo período a uma nova análise, seja transportando o modelo utilizado para outros recortes. Além disso, diante da influência das obras que tratam das ciências majoritariamente do ponto de vista sociológico, parece-me importante um olhar para os elementos não sociais que as constituem. Com isso em mente, este trabalho não pretende esgotar o tema – tampouco seria possível fazê-lo –, mas lançar mão de uma abordagem pouco explorada nos estudos sobre o fazer científico da linguística.

No capítulo 2, explicitarei minhas bases teóricas: a proeminência dos valores cognitivos sobre os sociais na ciência de modo geral; a divisão conceitual entre neutralidade e imparcialidade dentro da ciência; como essas premissas se relacionam com os estudos já realizados sobre a linguística no século XIX; e o modelo de programas de pesquisa científica de Lakatos que será adotado ao longo do trabalho. No capítulo 3, apresentarei a análise efetiva do recorte, elencando os elementos mais relevantes para a discussão sobre como era realizada a linguística no período e como se deram as disputas entre linguistas e grupos de linguistas nas décadas de 1860 e 1870 dentro da perspectiva dos valores cognitivos em jogo. No

capítulo 4, tratarei das relações sociais e institucionais e seus impactos nas disputas científicas do período, em especial para o programa dos jovens gramáticos e para a academia alemã. No capítulo 5, prosseguirei com a análise acerca dos valores cognitivos encontrados no período, aplicando neles o modelo de programas de pesquisa científica de Lakatos. Por fim, no capítulo 6, tecerei minhas considerações finais a respeito dos resultados que obtive e das questões que permanecem em aberto para futuros trabalhos.

2 VALORES E CIENTIFICIDADE

Neste capítulo pretendo firmar a base teórica que proverá as ferramentas utilizadas para investigar o processo de sucessão da segunda geração de comparativistas pelos jovens gramáticos. Em primeiro lugar, apresentarei dois conceitos essenciais para a minha discussão: o de valores sociais e o de valores cognitivos, tal como trabalhados por Lacey (2008). Ainda a partir deste autor, comentarei por que a separação entre neutralidade e imparcialidade é importante para questionarmos o alto grau de poder frequentemente atribuído aos valores sociais. De modo geral, as seções dedicadas a esses conceitos têm como objetivo defender a ideia de que os valores cognitivos são a base fundamental para as tomadas de decisão na ciência, enquanto os valores sociais coexistem com eles sem colocá-los em xeque, desempenhando um papel menor do que propõem alguns quadros teóricos.

Nas seções seguintes, comentarei como os estudos posteriores sobre o período entre a segunda geração de comparativistas e os jovens gramáticos apresenta a atividade científica desses grupos. Autores como Amsterdamska (1987), Koerner (1989g) e Leroux (2007) serão trazidos para a discussão a fim de mostrar que a questão foi amplamente debatida, mas ainda está aberta em alguns aspectos. Defenderei, na última seção do capítulo, que o modelo que parece oferecer a melhor saída para o problema dessa sucessão é o de programas de pesquisa científica proposto por Lakatos (1970). A ideia de aplicar o modelo lakatosiano ao empreendimento dos jovens gramáticos é elaborada primeiramente por Leroux (2007) e terá um papel central na análise do restante desta dissertação.

2.1 VALORES SOCIAIS E COGNITIVOS

É observável, a partir do lançamento de *A estrutura das revoluções científicas* de Thomas Kuhn em 1962, uma proliferação de trabalhos dedicados à análise do fazer científico baseada na concepção de que os fatores sociais seriam, se não os únicos, os principais agentes da ciência. A crítica iniciada por Kuhn, levada às últimas consequências², resultaria em um ceticismo acerca da cientificidade como um horizonte norteador do estudo, da explicação e da descrição do mundo. Em lugar dela, teríamos em primeira instância elementos como as relações entre cientistas e/ou grupos de pesquisa, o papel desempenhado pelas instituições e os valores pessoais e sociais de pesquisadores.

Se é essencial que reconheçamos o papel desses componentes no fazer científico, me parece necessário também que isso não nos leve a uma versão radical de relativismo. A separação entre valores sociais e valores cognitivos é relevante e pode ser usada de forma proveitosa, mas a simplificação das relações estabelecidas por elas na atividade científica pode levar a equívocos que a torne menos uma ferramenta de análise e mais um empecilho para a nossa compreensão da história da ciência.

A fim de evitar que valores morais e sociais desempenhem um papel primário na atividade científica, a comunidade científica se baseia em um conjunto de elementos que a possibilite julgar a validade de determinadas teorias. Esse conjunto de elementos, chamados de valores cognitivos, varia de acordo com a área do conhecimento, com as condições materiais disponíveis, com as ferramentas desenvolvidas, com o período histórico, entre outros fatores. Ainda assim, há exemplos de valores cognitivos recorrentes, como a adequação empírica (isto é, a consistência da teoria com os dados empíricos), o poder explicativo das teorias,

2 O pensamento de Kuhn não deve ser resumido à primeira edição da ERC. Nas edições seguintes, bem como na recepção de seus trabalhos, conceitos mencionados ao longo desta dissertação foram reelaborados. Para discussões mais aprofundadas sobre a obra kuhniana, cf. Aymoré (2010), Alves (2012), Silvério (2016) e Silva (2018). Ainda assim, a influência kuhniana nos estudos que abordaremos têm como origem majoritariamente a primeira edição, com reelaborações posteriores (como o conceito de matriz disciplinar) sendo apenas pontualmente mencionados sem maiores detalhes. Essa ressalva é importante para que não sejam confundidas a crítica às análises de inspiração kuhniana que serão tratadas neste trabalho com a crítica à obra de Thomas Kuhn.

relações adequadas com outras teorias disponíveis e a ausência de hipóteses *ad hoc*.

Isso é o que defende Lacey (2008, p. 24), chamando essa postura adotada pela maior parte da comunidade científica de “entendimento materialista”. Trata-se de um modo de atividade científica que parte de estratégias que permitem a restrição das teorias disponíveis e a seleção dos dados empíricos relevantes para a realização de testes e tentativas de refutação das teorias. Desse modo, a atividade científica se baseia em um primeiro momento nos valores cognitivos, e não em valores morais e/ou sociais. Ou seja: de acordo com o entendimento materialista, a validação ou não de teorias não tem como base a vontade, as crenças, os preconceitos ou os interesses individuais ou coletivos de cientistas ou da comunidade, mas sim o grau de manifestação de valores cognitivos que elas apresentam. Se for apresentado um alto grau, as teorias podem ser consideradas como aptas ao uso. O quadro abaixo, encontrado em Lacey (2008, p. 29), é uma representação do que o autor propõe para a discussão do entendimento materialista.

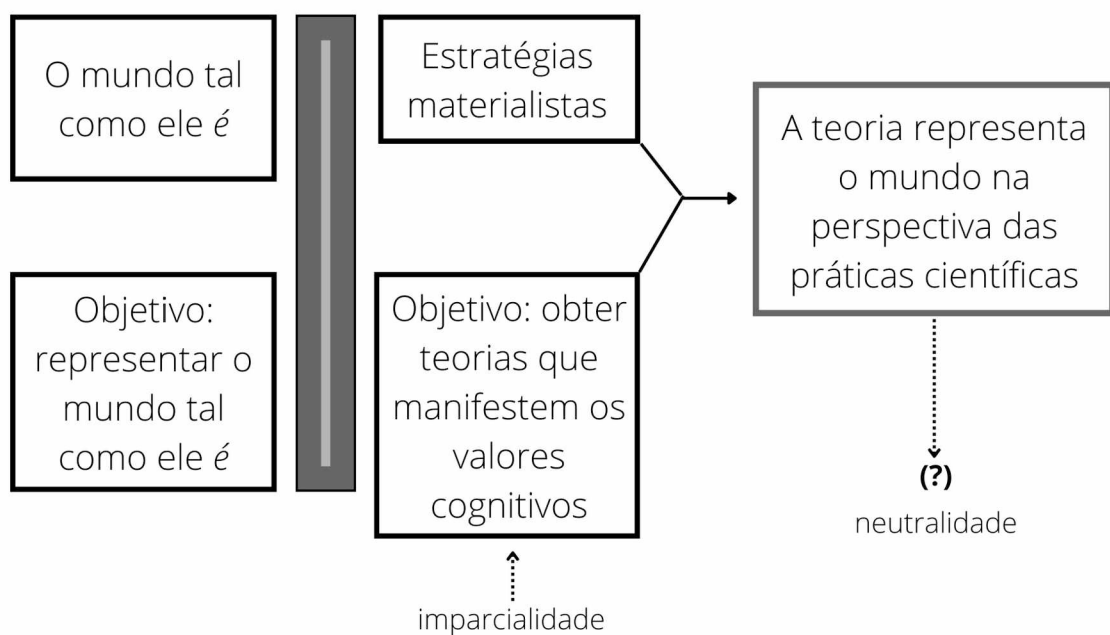


Figura 1: O entendimento materialista (Lacey, 2008)

A tese kuhniana influenciou uma forma de crítica da ciência que é cética com relação à existência de imparcialidade no fazer científico e também, consequentemente, a respeito da neutralidade da ciência. Segundo Lacey (2008, p. 30), as bases dessa crítica (que ele nomeia como crítica pós-moderna) têm duas ordens: a epistemológica, que defende que a imparcialidade não é um ato realizável porque é um horizonte impossível para a ciência; e a sociológica, que aponta que a imparcialidade não se realiza de fato em decorrência da penetração de valores não cognitivos na atividade científica. Explicitarei o pensamento de Lacey sobre a ordem epistemológica nesta seção e sobre a ordem sociológica na seção seguinte, ao tratar da separação entre imparcialidade e neutralidade.

Lacey (2008, p. 30) disserta sobre três teses presentes na crítica pós-moderna que resultariam na crítica epistemológica: 1) a tese da subdeterminação da teoria pelos dados empíricos; 2) a da invulnerabilidade da teoria aos dados empíricos; 3) a da incomensurabilidade de teorias que partem de paradigmas distintos.

A primeira tese diz respeito à possibilidade aberta de que os dados contradigam determinada teoria, por mais bem corroborada que ela seja. Lacey descreve (ibid., p. 30-31) da seguinte forma o raciocínio dessa tese: os dados são o ponto de partida para que as teorias sejam desenvolvidas e testadas → as teorias são generalizações e hipóteses dedutivas que abarcam os dados → a capacidade da teoria de prever e/ou explicar os dados é o que determina se ela é boa ou não.

O problema dessa tese é que ela considera que o único valor cognitivo – isto é, o único parâmetro adotado pelos cientistas para a escolha, aceitação, corroboração, etc. de uma teoria científica – é a relação dedutiva entre dados e teoria. Se os dados apresentam algo não previsto pela teoria, a teoria é falseada e deveria descartada. No entanto, de acordo com a tese, quando essa circunstância surge, a tendência dos cientistas é de manter a teoria, e não de trocá-la. Esse é o principal motivo para o ceticismo da crítica pós-moderna.

Pensemos no caso da existência de duas teorias distintas, uma inconsistente com a outra, ambas capazes de explicar, prever e colocar a teste os dados empíricos. Se não há outro valor cognitivo que auxilie cientistas a fazerem

uma escolha entre as duas teses, a escolha se dará invariavelmente por valores pessoais ou sociais. No entanto, como propõe o entendimento materialista, a ciência se baseia em um conjunto de valores cognitivos, sendo a adequação empírica apenas um deles.

Para a crítica pós-moderna, no entanto, um cenário que considerasse um conjunto mais amplo de valores cognitivos não seria mais satisfatório. Se nesse cenário ainda assim houvesse teorias concorrentes, ambas capazes de satisfazer as exigências cognitivas estabelecidas como ideais, os valores sociais desempenhariam um papel na escolha de uma delas. Para a tese da subdeterminação, esse ponto exemplifica por que a imparcialidade/neutralidade³ da ciência não seria um ideal realizável.

Lacey (2008, p. 31-32), no entanto, defende que enquanto a tese da subdeterminação não oferece esperança alguma para a escolha teórica, ela mesma é capaz de levar a cenários nos quais a escolha motivada por valores não cognitivos pode trazer resultados científicos válidos. A impossibilidade de escolher entre duas (ou mais) teorias por um viés cognitivo abre espaço também para uma crítica das teorias científicas que parta de vieses ideológicos, como uma crítica antirracista ou feminista⁴. Assim, seriam legitimadas investigações que assumissem essas posições contestando os valores não cognitivos, mas mantendo o próprio princípio da necessidade de adequação empírica em teorias científicas.

A segunda tese (Lacey, 2008, p. 33-34), chamada de tese da invulnerabilidade, rejeita a análise hipotético-dedutiva, apontando para a possibilidade de serem acrescentadas às teorias hipóteses auxiliares capazes de contornarem eventuais problemas de adequação empírica. Por exemplo, caso uma teoria seja refutada a partir das observações e testes, é possível ou acrescentar uma hipótese auxiliar que de alguma forma proteja a teoria, ou substituir uma hipótese

3 Na seção seguinte proporei a separação teórica entre neutralidade e imparcialidade. Outro problema da tese da subdeterminação (e da crítica pós-moderna, de modo geral) é a equivalência dos dois conceitos.

4 A discussão sobre os valores cognitivos e o entendimento materialista não tem como objetivo eliminar inteiramente a presença de valores sociais na ciência. Ela pode servir justamente para que possamos introduzi-los de maneira eficaz na atividade científica. De acordo com o entendimento materialista, é perfeitamente possível a realização, por exemplo, de uma ciência antirracista, feminista ou anticolonial, bastando manifestar em alto grau os valores cognitivos previstos pela área ou disciplina na qual ela se insere – algo justificado, como comento em seguida, pelo argumento do controle da natureza.

auxiliar que esteja comprometendo a adequação empírica. Para a tese da invulnerabilidade, o falseamento de teorias seria impossível, pois as teorias podem ser protegidas dos dados encontrados, sendo, portanto, invulneráveis. Assim, os dados não poderiam configurar um valor cognitivo decisivo para a escolha de teorias.

A terceira tese (Lacey, 2008, p. 34-37), a tese da incomensurabilidade, é a base do pensamento kuhniano. Nela, a forma como observamos e entendemos o mundo é mediada por um paradigma vigente, que se manifesta desde o léxico empregado pela comunidade científica até as estratégias de restrição e seleção de pesquisa adotadas. Esses paradigmas podem ser eventualmente substituídos por novos, que mediarão de outras maneiras a forma como o mundo é analisado.

Segundo a tese da incomensurabilidade, teorias de diferentes paradigmas não podem ser inconsistentes umas com as outras, uma vez que partem de categorias diferentes, nem compatíveis, pois a mudança de paradigma também resulta em mudanças de estratégias científicas. Em suma, não é possível simplesmente transportar teorias de um paradigma para o outro pois todos os referenciais teriam sido mudados na passagem do velho para o novo paradigma. Assim, a escolha de teorias também não pode ser separada da escolha de paradigmas. A discussão sobre a escolha de paradigmas conflitantes não existe em Kuhn, uma vez que seu modelo não considera a possibilidade de coexistência de diferentes paradigmas. No entanto, para quem considera esse cenário possível, se a escolha não pode partir dos valores cognitivos, já que a tese da incomensurabilidade não permite uma comparação cognitiva, só restaria a escolha por valores não cognitivos.

As teses acima descritas apontam para uma associação quase inerente entre fazer científico e valores morais e sociais. Opondo-se a essa leitura, Lacey (2008, p. 37-38) defende que as três teses ignoram um forte argumento contrário a essa crítica: o sucesso da ciência moderna. O conhecimento científico permite, por exemplo, que tecnologias sejam desenvolvidas de forma funcional, ou que previsões a respeito do mundo sejam feitas de forma eficaz. O funcionamento dessas

operações materiais ou previsões só é possível se a ciência for capaz de gerar um conhecimento que represente – da forma mais aproximada possível – o mundo:

Aquilo que explica o sucesso material da tecnologia não pode ser opiniões, ideologias, dogmas ou juízos de valor; pode ser apenas o conhecimento do mundo tal como ele é. O sucesso da tecnologia e da ciência aplicada parece provar que na ciência obtemos – pelo menos em alguns domínios – o conhecimento do mundo tal como ele é (...). (Lacey, 2008, p. 38, grifos do autor)

Ainda assim, mesmo Lacey defende que é necessária a divisão entre a imparcialidade – que, como vimos nessa parte do texto, pode ser sustentada pelo argumento do sucesso da ciência – e a neutralidade.

2.2 NEUTRALIDADE E IMPARCIALIDADE

Segundo as definições de Lacey (2008, p. 15), a imparcialidade na ciência seria a capacidade desta de escolher suas teorias com base no grau de manifestação dos valores cognitivos, e não nas relações estabelecidas entre elas e valores morais ou sociais da comunidade científica ou de cientistas individualmente. A neutralidade, por sua vez, seria a afirmação de que as teorias científicas não têm relação direta com valores não cognitivos, bem como não apresentam consequências fora da atividade científica – ou seja, os valores sustentados por uma comunidade ou por uma pessoa não interferem na aplicabilidade de teorias científicas.

Como já vimos, podemos sustentar que a imparcialidade da ciência é possível a partir do entendimento materialista. Essa defesa se pauta principalmente no sucesso do controle da natureza – isto é, a partir das teorias científicas disponíveis que apresentam um alto grau de manifestação de valores cognitivos, somos capazes de gerar previsões e tecnologias funcionais, controlando, assim, os objetos, ou projetando uma perspectiva de controlá-los.

Por outro lado, a neutralidade da ciência não é uma postura defensável, uma vez que o conjunto de valores morais e sociais dominantes em cada contexto determinará como o controle da natureza será realizado:

Consideremos [um]a semente (de trigo ou de arroz). No contexto neoliberal atual, a semente transforma-se sempre mais numa mercadoria, e, assim, o seu uso e o uso das colheitas tornam-se parte da lógica do lucro e do investimento capitalista, e não da lógica do bem-estar das pessoas nas regiões produtoras (Shiva, 1991a). Sugiro que os valores alternativos despertam o interesse pela pesquisa que investiga questões tais como: quais são as possibilidades de produzir colheitas para que todas as pessoas numa região específica obtenham acesso a um regime nutritivo, num contexto social que reforça a participação local e sustenta o meio ambiente? Essa questão não abstrai das condições da experiência diária e atividades práticas prevalentes nem pressupõe que questões da ordem social estejam subordinadas à implantação de controles inovadores com respeito à produção e distribuição. Não considera a biologia, a ecologia e a sociologia separadamente. Insere as questões sobre os rendimentos das colheitas em meio a outras dos seguintes tipos: quais são as condições socioeconômicas e os efeitos sociais da produção agrícola? Quem controla a produção?

Como a utiliza? Como a distribui? Como as condições socioeconômicas da produção são adequadas àquelas da distribuição? Quais são os seus efeitos sobre a saúde e a ecologia? Assim, os rendimentos das colheitas passam a ser investigados não apenas em função de quantidades, abstraindo-se de sua relação com os seres humanos, como ocorre nas estratégias materialistas, mas também em função de variáveis sociais e humanas. No contexto dessas questões, damos atenção ao local e às suas particularidades: as condições da terra na região, as variedades de sementes da região, os métodos que sustentam a ecologia local, a disponibilidade de controles “naturais” de pestes, as práticas tradicionais da região, as relações socioeconômicas locais, as necessidades, as aspirações e a história locais (...). (Lacey, 2008, p. 43-44)

Essa separação entre neutralidade e imparcialidade na atividade científica nos permite questionar a validade da tese kuhniana e de teses céticas semelhantes, uma vez que nelas os valores morais e sociais estariam presentes desde a restrição de teorias e seleção de dados empíricos relevantes, igualando, assim, imparcialidade e neutralidade. Ainda que seja importante destacar a presença de valores não cognitivos na atividade científica, não me parece possível sustentar que eles desempenhem o papel mais fundamental na aceitação ou rejeição das teorias científicas. A capacidade de intervenção desses valores se dá num segundo momento, quando as teorias já foram julgadas válidas ou inválidas por um conjunto de estratégias, e as formas como as teorias aceitas nos permitem controlar a natureza culminarão na adoção de certas teorias por parte dos grupos de pesquisa, das instituições, das agências de fomento, das correntes e escolas de pensamento, etc.

Peguemos como exemplo a sociolinguística moderna. Diversas pesquisas possuem uma relação estreita com certos valores sociais e morais. Isso não impede, no entanto, que essa área seja imparcial, uma vez que ela se baseia em teorias e hipóteses que possuem um grau elevado de manifestação de valores cognitivos e é capaz de gerar boas descrições de como a linguagem humana funciona.

Outro exemplo ainda de ordem social, mas de natureza diferente, são as pesquisas que apresentam resultados práticos e imediatos e, por esse motivo, têm mais chances de conseguir recursos como investimento financeiro e material de pesquisa. Apesar de existirem interesses que não se relacionam com os valores cognitivos em tais pesquisas, isso não necessariamente implica em uma

parcialidade. Na verdade, em determinados casos poderia até mesmo ser paradoxal, uma vez que uma pesquisa que visa resultados práticos deverá ser capaz de demonstrar certo controle da natureza. Borges Neto (2004, p. 76), apesar de ter pontos de partida diferentes em sua discussão, dá um exemplo de como sua escolha de teoria de Montague em um determinado projeto foi essencialmente pragmática, uma vez que seria a mais frutífera para os seus objetivos.

Como tentarei apresentar nos capítulos posteriores, essas discussões serão essenciais para entendermos como se deu a passagem dos primeiros comparativistas (em especial a geração de Schleicher) para os jovens gramáticos. Questionarei, partindo dos pontos levantados acima, a tese de que a ruptura proposta pelo segundo grupo foi essencialmente social, com pouca ou nenhuma mudança de ordem cognitiva. Tentarei apresentar argumentos que defendam que existiram mudanças cognitivas relevantes dentro do recorte deste trabalho, bem como os valores sociais desempenharam uma função importante, mas que não abala a defesa da imparcialidade, uma vez considerada a diferença conceitual apresentada nesta seção.

2.3 A LINGUÍSTICA ENTRE 1861 E 1880 E A QUESTÃO DOS VALORES

A análise da atividade científica na linguística foi e é objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento que, muitas vezes, se entrelaçam. Dado que possuem um objeto de estudo em comum e muitas vezes partam de pressupostos parecidos ou compartilhados, é frequentemente difícil delimitá-las. Ao meu ver, esse caráter comum permite que os trabalhos nelas realizados possam alimentar um ao outro. No entanto, é natural que as discordâncias surjam a partir do momento que as ferramentas de análise sejam diferentes. Nesta seção, pretendo apontar como o período entre 1861 e 1880 foi analisado por três diferentes áreas do estudo da atividade científica: a historiografia (da) linguística, a sociologia da linguística e a filosofia da linguística. Apesar de situar este trabalho na filosofia da linguística, acredito que diversos pontos e discussões levantados pela historiografia (da) linguística e pela sociologia da linguística sejam essenciais para uma melhor formulação de uma leitura em meu campo de pesquisa, seja por meio da divergência de análise, seja por meio da incorporação delas.

A historiografia (da) linguística contribui, desde os anos 1970, para a nossa compreensão da história da linguística em seus diversos níveis, desdobramentos e peculiaridades. Swiggers (2013, p. 41) define os objetos primários dessa disciplina como os textos, sendo possível que vários aspectos sejam analisados pelo historiador, como a inserção de um texto em um ambiente, a forma como esse texto foi recebido por seus contemporâneos e/ou pela posterioridade, a maneira como foi estruturado, o papel que o texto desempenhou e desempenha, entre outros. O foco na análise de textos parte do entendimento de que os textos “podem ser considerados o “reflexo (ou depósito material)” da história da linguística” (Swiggers, 2013, p. 42).

A figura mais influente da historiografia (da) linguística que estudou o período foi, sem sombra de dúvidas, E.F.K. Koerner (1939–2022). Em diversos textos⁵, Koerner argumentou em favor de uma historiografia que se apropriasse da terminologia kuhniana – por vezes de forma direta, por vezes através do uso de

5 Por exemplo, Koerner (1972; 1981; 1989a; 1989b; 1989c; 1989d; 1989e; 1989f; 2014a; 2014b; 2014c; 2014d; 2014e).

termos kuhnianos como “paradigma” e/ou “revolução (científica)”. A respeito do surgimento dos jovens gramáticos, Koerner (1981; 1989d) defende que o grupo, apesar de se apresentar como revolucionário e de proclamar ter rompido com os linguistas e métodos anteriores, se insere dentro de um paradigma iniciado por August Schleicher.

A discussão em torno do uso da terminologia kuhniana dentro do estudo da história da linguística, tanto do século XIX quanto do século XX, surge já nas primeiras décadas após a publicação da primeira edição da ERC. Já vimos que as principais críticas aos modelos pós-modernos de análise influenciados pela obra kuhniana se caracterizam pela ausência de ferramentas para a análise de valores cognitivos na atividade científica, algo que decorre do ceticismo com relação à imparcialidade da ciência. Esses modelos depositam um forte peso nos valores morais e sociais da comunidade científica, apostando na tese de que as mudanças (por exemplo de paradigmas) seriam em grande medida sociais.

Outro exemplo de análise com foco no nível sociológico da atividade científica da linguística é encontrado em Murray (1994). O modelo apresentado por Murray no capítulo introdutório da obra traz um robusto arsenal para investigar as relações entre cientistas. Dentro desse modelo são atribuídos (ibid., p. 21-26) papéis sociais aos agentes envolvidos na atividade científica, como a existência de lideranças intelectuais – cientistas ou conjuntos de cientistas capazes de fundamentar conceitualmente o grupo ao qual pertencem –, lideranças organizacionais – composta por aqueles capazes de arrecadar fundos, material para pesquisa, comunicar os avanços do grupo de forma satisfatória, etc. –, elite intelectual – termo aplicado àqueles que de alguma forma desfrutam de um status privilegiado dentro da comunidade científica, seja por participarem de uma elite socioeconômica, por serem formados ou trabalharem em instituições de prestígio, ou por participarem de um grupo que está à frente da atual forma de pesquisa de uma disciplina (não sendo um grupo revolucionário).

O trabalho de Murray mostra-se, de fato, profícuo para a compreensão desses componentes da atividade científica e será referenciado nesta dissertação de forma pontual, especialmente no capítulo 5, para o estudo dos vínculos

estabelecidos entre os jovens gramáticos e seus antecessores. Porém, diferentemente do que proponho, ao tratar daquilo que compõe a cientificidade, Murray (ibid., p. 22) se limita a considerá-la apenas um conjunto de “boas ideias” que podem ou não serem abraçadas pelos cientistas a depender principalmente de um julgamento baseado não em seus atributos, em sua consistência, em sua capacidade de resolver problemas, mas sim na capacidade do grupo de comunicá-las e introduzi-las. De acordo com Murray (ibid., p. 22) “O sucesso na competição de ideias depende mais da formação de um grupo do que da qualidade intrínseca (livre de contexto) das ideias”^{6, 7}.

Uma crítica ao modelo kuhniano é encontrada por exemplo em Percival (1976), que se ocupa especialmente do gerativismo enquanto um possível paradigma na linguística contemporânea. Para o autor (p. 289), o problema da aplicabilidade está justamente na dimensão sociológica: a gramática gerativa não configurava (e isso não mudou de 1976 para cá) o único quadro conceitual na linguística, pois dividia espaço com outras teorias⁸ da linguagem. Percival (p. 289) também argumenta que o próprio gerativismo se encontrava ramificado já nos anos 70, antes mesmo do surgimento do programa minimalista. Segundo essa leitura, a linguística ou se encontraria em um estágio pré-paradigmático, ou não seria analisável com sucesso pelo modelo kuhniano. Em seguida, Percival (p. 290) tenta encontrar na linguística anterior ao século XX exemplos possíveis de paradigmas. O autor argumenta que há uma leitura proposta de que o primeiro paradigma teria sido o da gramática comparativa, a partir do trabalho de Rask, Grimm, Bopp, entre outros, e uma revolução científica teria sido levada a cabo pelos jovens gramáticos, resultando num novo paradigma. No entanto, essa argumentação também seria falha, uma vez que a metodologia de Rask teria origem nas gramáticas filosóficas do século XVIII, o que põe em xeque a afirmação de que os primeiros comparativistas

6 No original: “Success in the competition of ideas depends more on the formation of a group than on the intrinsic (context-free) quality of the ideas” (todas as traduções ao longo da dissertação, exceto de obras já traduzidas, são de minha autoria).

7 Podemos questionar a afirmação de Murray (1994, p. 22) de que a *raison d'être* para a sociologia da ciência seria a de que boas ideias não são suficientes para darmos conta da história da ciência. Amsterdamska (1987) é um exemplo excelente, como discutirei, de um trabalho dentro da sociologia da ciência capaz de analisar satisfatoriamente valores cognitivos sem torná-los um mero detalhe da atividade científica.

8 Termo usado por Percival. A discussão quanto à terminologia ideal (teoria, corrente, programa de pesquisa, escola de pensamento, etc.) deve levar em consideração cada um dos casos mencionados pelo autor.

teriam estabelecido um paradigma novo, rompendo com os estudos do século anterior. O mesmo valeria para os jovens gramáticos (p. 291).

It is perhaps ironic to state the issue in the form of a paradox, but Kuhn's theory can apply to linguistics only if it is untrue, i.e. only if his basic distinction between the sciences and the non-sciences is invalid. On the other hand, even if this distinction is invalid - and we may have good reasons for believing that such is the case - it does not follow that the theory applies to linguistics. For as we have seen, it fares badly, no matter where in the history of linguistics we attempt to apply it. (Percival, 1976, p. 292)⁹

Koerner (1989a, p. 50) faz uma crítica dura ao texto de Percival, apontando incongruências em sua leitura da teoria kuhniana, além de acusar o autor de ter se baseado inteiramente de informações secundárias ao tratar da linguística do século XIX. As citações a seguir serão longas, mas acredito que seja justificável apresentá-las por completo:

Few, if any, have ever seriously argued that the observations or proposals of historians of science, whether they be of a Popperian, Kuhnian or any other type, could be directly applied to the history of fields other than those for which they have been developed. It is therefore regrettable that Percival (1976) has assumed the position of a 'praeceptor historiographiae linguisticae' and, after a serious distortion of the ideas of Kuhn as well as of the development of 19th-century linguistics, advocated the rejection of any of Kuhn's suggestions.¹⁰ (Koerner, 1989a, p. 50)

Nothing needs to be said here about Percival's assessment of the 19th century in linguistics, since he seems to be basing his argument entirely on secondary information (Percival 1976: 290-91). By contrast, his interpretation

9 "Talvez seja irônico colocar o problema na forma de um paradoxo, mas a teoria de Kuhn só pode ser aplicada à linguística se for falsa, i.e. somente se sua distinção básica entre as ciências e as não ciências for inválida. Por outro lado, mesmo que essa distinção seja inválida – e temos bons motivos para acreditar que seja esse o caso –, isso não resulta na teoria ser aplicável à linguística. Pois como vimos, ela se sai mal, independentemente de onde na história da linguística tentemos aplicá-la."

10 "Poucos, se é que alguém já o fez, argumentaram que as observações ou propostas de historiadores da ciência, fossem popperianos, kuhnianos ou de qualquer outro tipo, poderiam ser diretamente aplicadas à história das áreas além daquelas para as quais foram desenvolvidas. É, portanto, lamentável que Percival (1976) tenha assumido a posição de um 'praeceptor historiographiae linguisticae' e, após uma séria distorção tanto das ideias de Kuhn quanto do desenvolvimento da linguística do século XIX, defendido a rejeição de qualquer uma das sugestões de Kuhn."

of the essential ideas in Kuhn (1970) is largely misleading and cannot pass unanswered, especially since many readers may, for a variety of reasons (including intellectual laziness), be tempted to take Percival's analysis at face value. To begin with, nowhere in Kuhn can the statement be found that progress of a scientific field shows itself in 'periodic quantum leaps' (Percival 1976: 286). More importantly, Kuhn has never claimed that a scientific revolution is 'an event brought about by the striking achievement of a SINGLE scientific genius' (ibid.) or that 'revolutions are precipitated by SINGLE individuals' (p. 287; emphasis in the original). Such a misinterpretation does not become true by repetition; cf Percival's assertion (p. 286) that the 'role of the lone innovator is essential to Kuhn's conception of a scientific revolution'. (In note 11, p. 290, we find yet another reference to this erroneous interpretation.) In fact, Kuhn repeatedly speaks of the difficulty of identifying a particular discovery with the name of one individual and a given date. Nor did Kuhn press the argument (as Percival does, pp. 291; 292); the fact that some do not approve of the change does not, in Kuhn's view, invalidate the occurrence of a paradigm change. In short, it is difficult to see why Percival's argument against the application of Kuhn's concepts and principles to the history of linguistics should carry any weight since they are in fact based on a distorted picture of Kuhn's proposals. (The fact that historians of linguistics cannot agree on when and where a paradigm change occurred during the past 150 or so years [Percival, pp. 290-91] may shed a light on the sorry state of linguistic historiography, but cannot be taken as an indication that Kuhn's ideas apply 'at best vacuously' to events in the history of linguistics, as Percival wants us to believe.) (Koerner, 1989a, nota 2, p. 50)¹¹

É essencial apontar que as críticas feitas por Koerner ao texto de Percival estão corretas. No entanto, ao lermos textos em que Koerner aplica a terminologia

11 "Não é preciso se dizer nada aqui sobre a avaliação de Percival do século XIX na linguística, já que ele parece basear seu argumento inteiramente em informação secundária (Percival, 1976, p. 290-291). Por contraste, sua interpretação das ideias essenciais em Kuhn (1970) é vastamente errônea e não pode passar sem resposta, especialmente considerando que muitos leitores podem, por diversas razões (incluindo preguiça intelectual), serem tentados a considerar a análise de Percival uma verdade absoluta. Para começar, em lugar algum em Kuhn pode-se encontrar uma afirmação de que o progresso de um campo científico se revela em 'saltos quânticos periódicos' (Percival, 1976, p. 286). Mais importante ainda, Kuhn nunca afirmou que uma revolução científica é 'um evento acarretado pela conquista notável de um ÚNICO gênio científico' (ibid.) ou que 'revoluções são provocadas por indivíduos ÚNICOS' (p. 287; ênfase no original). Tamanha má interpretação não se torna verdadeira por repetição; cf. a afirmação de Percival (p. 286) de que o 'papel do inovador solitário é essencial para a concepção de Kuhn de uma revolução científica'. (Na nota 11, p. 290, ainda encontramos outra referência a essa interpretação errônea.) Na verdade, Kuhn repetidamente fala da dificuldade de se identificar uma descoberta particular com o nome de um indivíduo e uma data específica. Kuhn também não insistiu na argumentação (como Percival fez, p. 291-292); o fato de alguns não aprovarem a mudança não invalida, na visão de Kuhn, a ocorrência de uma mudança de paradigma. Em resumo, é difícil entender por que o argumento de Percival contra a aplicação dos conceitos e princípios de Kuhn à história da linguística deveria ser sequer considerada já que eles são, na verdade, baseados numa visão distorcida das propostas de Kuhn. (O fato de que historiadores da linguística não podem concordar sobre quando ou onde uma mudança de paradigma ocorreu nos últimos 150 e tantos anos [Percival, p. 290-291] pode lançar luz sobre o pobre estado da historiografia linguística, mas não pode ser considerado como um indício de que as ideias de Kuhn são aplicadas 'no máximo no vácuo' aos eventos na história da linguística, como Percival quer que acreditemos.)"

kuhniana à historiografia (da) linguística, não encontramos em nenhum momento uma defesa das ideias de Kuhn estritamente, mas sim de uma adaptação das ideias do filósofo que possa iluminar o caminho dos historiadores. Isso é defendido pelo próprio Koerner (2014d, p. 54):

Em observações programáticas feitas nos anos 1970, referi-me frequentemente às ideias de Kuhn, mas em lugar nenhum sugeri a aplicação acrítica das suas propostas à história da linguística. Conceitos como 'paradigma', seguindo a própria sugestão de Kuhn 1970, 'matriz disciplinar'; 'ciência normal'; 'revolução científica'; e 'operação-limpeza' ainda podem revelar-se "[...]useful to the historian of linguistics' if he does not press the argument to a point where it no longer makes sense" (Koerner 1989a: 50). Desnecessário será dizer que o mesmo se aplicaria, *mutatis mutandis*, a conceitos e noções encontradas em trabalhos de outros historiadores e filósofos da ciência, sejam eles da linha do refutacionismo de Popper ou de qualquer outro quadro teórico, como por exemplo, a abordagem epistemológica de Mario Bunge (1984). (Koerner, 2014d, p. 54)

Os erros de interpretação cometidos por Percival (1976), por um lado, não são justificados quando Koerner flexibiliza o modelo kuhniano para tratar da história da linguística. Por outro, me parece que a preocupação de Koerner está antes em defender sua própria análise (por exemplo: Koerner, 1981) sobre os eventos relacionados a Schleicher e aos jovens gramáticos, do que em defender a teoria kuhniana. Na verdade, apesar de apontar para os erros de Percival, Koerner não defende o modelo das críticas provenientes de uma leitura fundamentada. Os erros são o suficiente para que as críticas pertinentes sejam desconsideradas. Nesse sentido, a adoção do modelo kuhniano por Koerner se aproxima em alguns aspectos ao que Dascal (1978, p. 40-41) identifica como um uso ideológico desse modelo, a fim de conferir prestígio a uma teoria linguística em detrimento de outra – no caso de Koerner, há uma tentativa de justiça retroativa para com August Schleicher, ao qual a história da linguística se debruçou por décadas de forma caricata ou simplista¹².

12 "Parece que tivemos que esperar até 1992 por um relato historiográfico mais satisfatório sobre a linguística do século XIX, incluindo o trabalho de Schleicher, quando Anna Morpurgo Davies publicou seu relato extremamente detalhado e judicioso (...). Ainda assim, se dependermos de histórias do tipo que Pieter Seuren produziu, a imagem distorcida de Schleicher, tão familiar dos livros de 1960 e 1970, continuará presente (...): Schleicher, que não conseguia dar muito sentido às 'leis sonoras' (...); Schleicher, o autor da árvore genealógica que seu ex-aluno Johannes Schmidt derrubou vários anos depois; Schleicher, o seguidor de Darwin, e o autor da fábula escrita em indo-europeu como forma de deboche. Tamanha ignorância da literatura disponível é

Ainda segundo Koerner (2014d, p. 53), “o historiógrafo da linguística não deve esperar receber um quadro teórico pronto de qualquer que seja a filosofia da ciência”. Sendo a linguística uma ciência e a atividade científica o objeto de estudo da filosofia da ciência, os quadros teóricos desenvolvidos na disciplina são, ao meu ver, essenciais para a compreensão de pelo menos uma das facetas estudadas por historiógrafos das ciências. De igual modo, a historiografia das ciências fornece ferramentas essenciais à filosofia da ciência para que possamos, por exemplo, analisar de modo especializado nossas fontes e seus respectivos contextos de produção e recepção.

Ao defendermos um modelo de forma flexível, eventualmente cairemos no seu mau funcionamento. É essencial considerarmos o modelo como um todo para aplicá-lo, adotando suas definições de conceitos (como ciência normal, ciência revolucionária, revolução científica, paradigma, etc. para o modelo kuhniano) e os requisitos para aplicarmos cada um deles. Se afrouxarmos os conceitos, eles se tornam meras analogias que pouco servem para analisar a atividade científica de forma sistemática. Se o modelo não é satisfatoriamente explicativo, um novo deveria ser adotado ou formulado. Do contrário, nossa análise da atividade científica torna-se frágil e demasiadamente relativista por falta de ferramentas bem estabelecidas.¹³

No entanto, o modelo kuhniano não foi o único proposto dentro da historiografia (da) linguística. Hymes (1974) tece diversas ressalvas quanto a ele, bem como Altman (2021). Esta última nos aponta para Swiggers (2020), que apresenta uma interessante esquematização a partir do “relato em camadas”. Segundo o autor (p. 4), o metamodelo adequado para analisar a dinâmica da linguística seria composto por quatro camadas:

- uma camada TEÓRICA, isto é, a de ideias, *insights*, declarações teóricas e suposições;

realmente dolorosa àqueles envolvidos na tentativa de fazer justiça ao legado de Schleicher.” (Koerner, 2020, p. 77)

13 Esse ponto é levantado, por exemplo, por Domingos e Oliveira (2016) acerca da possibilidade ou não de se aplicar o modelo kuhniano à linguística contemporânea.

- uma camada TÉCNICA, no sentido de trabalho técnico-linguístico, do qual o grau de tecnicidade está, até certo ponto, ligado à teoria;
- uma camada DOCUMENTAL, constituída pela documentação linguística disponível num determinado momento; por exemplo, que línguas (indo-europeias/semíticas/tupi-guarani/sino-tibetanas etc.) eram conhecidas pelos estudiosos de línguas num tempo t_0 ?; o que se sabia sobre a diversificação histórica e sociolinguística de uma língua L_1 em um tempo t_0 ?; que tipos de material (sob que forma?) estavam disponíveis para o estudo (da gramática/do vocabulário...) de L_1 num tempo t_0 ? etc.;
- uma camada CONTEXTUAL-INSTITUCIONAL, constituída pelas configurações (mais ou menos definidas) – contextos socioculturais e estabelecimentos institucionais específicos – em que o trabalho linguístico foi e está inserido. (SWIGGERS, 2020, p. 4)

O modelo proposto por Swiggers (2020) permite que observemos de forma separada a presença de valores cognitivos e valores sociais, o papel das instituições, as questões relacionadas à capacidade material da ciência em determinado período, etc.

Outra autora que não pode ser desconsiderada é a socióloga da ciência Olga Amsterdamska, uma das principais críticas da análise estritamente sociológica da ciência. Para ela (Amsterdamska, 1987, p. 1), é insuficiente “argumentar que teorias e fatos científicos são construções contingentes, rejeitar o empiricismo, demonstrar o papel do conhecimento tácito, ou adotar uma versão mais ou menos radical de relativismo”. Efetivamente, o que Amsterdamska postula é que, a fim de realizarmos uma análise profunda e mais completa de nosso objeto, devemos tratar o lado cognitivo e o lado social como complementares, mas separadamente – considerando que é possível haver uma relação muito estreita entre ambos, mas que isso não se configura como regra.

Iniciando a discussão dos valores cognitivos, a autora aponta para as divergências filosóficas, teóricas e metodológicas entre sistemas de ideias como divergências essencialmente cognitivas. Para a autora (ibid., p. 11), as divergências filosóficas podem ser descritas como aquelas em que a divergência é causada por questões guiadoras do fazer científico, como a definição do que é ou não científico,

a natureza do objeto de estudo de uma determinada ciência, disciplina ou corrente, ou como deve ser feita a avaliação de uma atividade científica.

Divergências filosóficas podem ser vistas, a princípio, como divergências essencialmente sociais entre grupos ou cientistas. No entanto, a coexistência de divergências filosóficas em ciências bem estabelecidas não parece indicar uma mera discordância de natureza social. Exemplos na linguística do século XIX serão analisados ao longo da dissertação, mas a título de exemplo podemos pensar na discussão da psicologia sobre a existência ou não da mente. Behavioristas, em geral, tendem a não aceitar a existência dessa estrutura, enquanto para outras escolas, como a psicologia analítica, a mente ocupa um papel central. Vale ressaltar, assim como Amsterdamska (1987, p. 11) o faz, que uma divergência filosófica não implica necessariamente na ruptura entre grupos. Da mesma forma, por guiarem a forma como a ciência é feita, as assunções filosóficas influenciarão outros pilares, como as teorias e as metodologias adotadas pelos cientistas.

As divergências teóricas se dão (Amsterdamska, 1987, p. 12) independentemente de divergências ou convergências filosóficas: uma mesma base filosófica pode permitir a fundação de teorias diferentes, por vezes contraditórias. Amsterdamska exemplifica as divergências teóricas com o círculo linguístico de Praga e a escola de Genebra:

For instance, the Prague Linguistic Circle argued its distinctiveness from the Geneva School on the basis of divergences between their respective theories of linguistic change. Although the two schools agreed on the major issues of synchronic structural linguistics, the Geneva School claimed that linguistic change was independent of structural conditions, while the Prague linguists explained change in terms of the functional readjustments of systems. (Amsterdamska, 1987, p. 12)¹⁴

14 “Por exemplo, o Círculo Linguístico de Praga defendia sua distinção da Escola de Genebra com base nas divergências entre suas respectivas teorias de mudança linguística. Ainda que as duas escolas concordassem nas principais questões da linguística sincrônica estruturalista, a Escola de Genebra defendia que a mudança linguística era independente de condições estruturais, enquanto os linguistas de Praga explicavam a mudança em termos de reajustes funcionais de sistemas.”

Por fim, Amsterdamska (p. 13) aponta para outra categoria de divergências: as metodológicas. Nesse caso, trata-se de divergências ocasionadas pela adoção de diferentes estratégias de investigação dos fenômenos de uma disciplina, ou mesmo por discordâncias quanto a quais problemas devem ser considerados cruciais para a investigação. A autora apresenta duas subdivisões. A primeira, chamada divergência orientada metodologicamente, aponta para divergências de natureza técnica, envolvendo uso de ferramentas e testes. A segunda, divergência orientada substancialmente, está relacionada ao surgimento de novas especialidades ou à divisão do trabalho dentro da ciência.

Ao tratarmos essas bases como essencialmente cognitivas, atrelando-as aos compromissos científicos de teorias, correntes, disciplinas, escolas, etc., podemos entender o papel que elas desempenham no fazer científico. É a partir delas – e não (unicamente) de elementos de ordem social – que se determina o que é considerado relevante, frutífero, científico, plausível, ou mesmo o que é possível de ser estudado, testado e hipotetizado. As mudanças descritas são inerentes ao fazer científico, podendo ser motivadas por descobertas de novos dados, por novas tecnologias e ferramentas desenvolvidas, por interação com novas ideias surgidas em outras ciências e áreas do conhecimento, entre outros motivos.

Outro ponto importante mencionado por Amsterdamska é que o contexto cognitivo de um grupo desempenha um papel fundamental para compreendermos suas discontinuidades e continuidades com relação a outros grupos. Se analisássemos as relações entre August Schleicher (e seus adeptos Georg Curtius e Max Müller) e os Jovens Gramáticos, por exemplo, ignorando seus contextos cognitivos, poderíamos chegar a conclusões precipitadas por deixarmos de lado fatores importantes – tais como a influência das ideias de outros teóricos periféricos e do papel de modelo científico que outras ciências, como a botânica e a psicologia experimental, desempenhavam em cada uma das duas gerações. Esse breve esboço exemplar mostra como se trata de uma complexa rede que requer um desenlace cauteloso. Para tentar compreendê-la, Amsterdamska (1987) apresenta uma reelaboração do conceito de escolas de pensamento da seguinte maneira:

We may summarize this relationship between a school of thought and the field of which it is a part by defining a school of thought as a group of scholars or scientists united in their common divergence, both cognitive and social, from other schools in their discipline or specialty or from the discipline or specialty as a whole. (p. 9, destaque da autora)¹⁵

A proposta de análise de Amsterdamska requer, primeiro, que exista um campo mais ou menos estabelecido, com grupos de cientistas ou como uma disciplina ou especialidade, para que uma escola de pensamento possa surgir, uma vez que essas escolas surgem como reações a outros grupos ou campos. Isso pode dar a atender de forma equivocada que escolas de pensamento apresentam divergências com o que estava estabelecido antes de seu surgimento em todos os aspectos. Do contrário, poderíamos encarar isso como uma contradição. No entanto, a análise não deve consistir na busca apenas de pontos de divergências entre uma escola de pensamento e o resto da ciência realizada na área, mas também nos pontos de convergência, especialmente cognitiva.

Sobre a obra de Amsterdamska, Koerner comenta – e aqui me parece, mais uma vez, justificável colocar a citação quase em sua íntegra:

Novamente a ênfase de Kuhn na natureza social das revoluções científicas teve um papel importante no estudo da formação de grupos em ciência (...). Entretanto, o relato de Amsterdamska (1987) dos cem anos de linguística de Bopp a Saussure, do ponto de vista da sociologia da ciência mertoniana, ainda que não sem mérito, pouco acrescentou ao que já era conhecido - e relatado - por historiadores da linguística do século XIX, tal como o papel importante do sistema de educação superior na Prússia para a institucionalização do campo da linguística (como evidentemente também para outras áreas).

É verdade que o êxito dos *Junggrammatiker* - ou aquele dos seguidores de Chomsky - não pode simplesmente ser explicado em termos de vitória de uma abordagem linguística particular, supostamente nova, sobre outra, embora não se possa negar que a troca de uma visão 'sâncrito-cêntrica' da *Ursprache* indo-europeia por uma atenção maior à reconstrução fonológica da antiguidade greco-latina clássica teve um papel importante na mudança entre a posição sustentada por Schleicher durante a década de 1860 e o

15 Podemos resumir essa relação entre uma escola de pensamento e o campo do qual ela faz parte definindo uma escola de pensamento como um grupo de estudiosos e cientistas unidos em sua divergência comum, tanto cognitiva quanto social, às outras escolas em sua disciplina ou especialidade ou à disciplina ou especialidade como um todo.

quadro teórico defendido por Brugmann e os seus colegas, de 1876 em diante (cf. Mayrhofer 1983). Por outras palavras, embora certas propostas no interior de uma disciplina tenham tido méritos intrínsecos, a sua difusão nos limites de uma comunidade de investigadores foi auxiliada por fatores externos, tais como a expansão considerável da educação pós-secundária depois da guerra Franco-Prussiana de 1870. Uma expansão similantemente drástica da educação universitária nos Estados Unidos e também na Europa durante a década de 1960 teve um efeito significativo na ampla aceitação das teorias de Noam Chomsky neste período e nas décadas subsequentes. Mas, mais uma vez, parece não haver um quadro metodológico específico para a historiografia linguística que possa ser obtido a partir das abordagens sociológicas da ciência, além de ficarmos conscientes do facto de que fatores extradisciplinares frequentemente exercem um efeito na evolução de uma dada disciplina, quer aparentemente exata, quer menos rigorosamente definida. (Koerner, 2014d, p. 54-55)

O ponto defendido por Koerner na passagem é que ainda que quadros teóricos externos à historiografia linguística possam servir como auxiliares no trabalho do historiógrafo, este não deve ficar “refém” de tais ferramentas – uma afirmação já comentada e discutida anteriormente. A respeito do trabalho de Amsterdamska, Koerner defende que poucos apontamentos seriam novos ou desconhecidos pelo trabalho da historiografia linguística. Elementos como o papel das instituições académicas, dos valores defendidos pelo sistema educacional prussiano, dos círculos intelectuais na Alemanha, entre outros, já haviam sido apontados e estudados.

Devo, no entanto, discordar parcialmente da afirmação de Koerner. Ainda que possamos detectar em textos anteriores ao de Amsterdamska o escrutínio de fatores sociais agindo sobre a atividade científica na linguística do século XIX, há um equívoco ao fazermos equivaler a presença desses fatores à forma como eles agiram e se relacionaram com o restante da atividade científica. Já comentamos anteriormente que os valores sociais não se sobrepõem aos valores cognitivos na atividade científica – isso é controlado por diversas instâncias, especialmente num sistema onde as relações são tão complexas como no caso das universidades alemãs do século XIX. O passo adiante dado por Amsterdamska é justamente submeter os dados disponíveis a análises dentro de um modelo da sociologia da ciência.

Consideremos um exemplo de como a investigação de Amsterdamska é diferente da de Koerner. Segundo a leitura de Koerner (1989g) sobre a passagem de Schleicher e seus adeptos para os jovens gramáticos, houve uma continuação, por parte do grupo mais novo, de um paradigma schleicheriano. Isso se daria pelos conceitos, termos técnicos, metodologia, etc., em comum entre eles. Koerner aponta (p. 94) os seguintes componentes em comum entre os dois grupos:

(...) All the concepts, technical terms, and procedures of analysis employed in the work of the Neogrammarians (as well as their contemporaries) were either introduced or developed by Schleicher: 1) the family-tree model of the Indo-European languages; 2) the rigorous method of reconstruction of proto-forms based on a strict application of the 'sound laws'; 3) the use of the concept of analogy in the explanation of language change; 4) the term 'morphology' (which he took from biology). (Koerner, 1989g, p. 94)¹⁶

No entanto, a mera presença (ou mesmo ausência) de componentes em comum entre os dois grupos não é capaz de definir se dois ou mais grupos de cientistas pertencem a uma mesma forma de fazer ciência. O equívoco de Koerner é considerar que o conjunto teórico-metodológico dos dois grupos consiste necessariamente numa linha contínua de atividade científica. Assim sendo, a ruptura promovida pelos jovens gramáticos só poderia ser de ordem social, especialmente propagandística, tendo pouco ou nada a ver com a ciência "*de facto*". Como Amsterdamska (1987) elabora de forma exaustiva, as relações sociais afetam diretamente o fazer científico, mas destacadas do restante da atividade científica não podem explicar episódios como este. Ainda que a conclusão da análise dos componentes sociais possa ser a mesma – a de que os jovens gramáticos teriam se valido de um embate propagandístico, por exemplo –, ela por si não responde todas as questões. A análise dos aspectos cognitivos deve, também, ser considerada, e não apenas em termos de divergências e convergências, mas principalmente em um

16 "Todos os conceitos, termos técnicos e procedimentos de análise empregados no trabalho dos jovens gramáticos (bem como de seus contemporâneos) foram ou introduzidos ou desenvolvidos por Schleicher: 1) o modelo de árvore genealógica das línguas indoeuropeias; 2) o método rigoroso de reconstrução de protoformas baseado na aplicação estrita das 'leis sonoras'; 3) o uso do conceito de analogia na explicação da mudança linguística; 4) o termo 'morfologia' (que ele pegou da biologia)."

modelo que mesure o peso de tais divergências e convergências para cada grupo envolvido.

Ao longo deste trabalho, destacarei dois aspectos que considero importantes para revisitarmos criticamente a defesa de um paradigma contínuo entre Schleicher e os jovens gramáticos: 1) o forte componente social da ruptura dos jovens gramáticos não foi o único fator presente nesse período; 2) as congruências científicas dos dois grupos não configuram um mesmo quadro científico.

Por que, então, voltar à análise desse período, se Amsterdamska parte dos mesmos pressupostos? O trabalho de Amsterdamska é um grande passo no sentido de darmos maior atenção aos valores cognitivos em jogo – ainda que ela não use especificamente esse termo, sua separação entre os níveis filosófico, teórico e metodológico é completamente compatível com a discussão de Lacey. Amsterdamska também não ignora que os valores sociais estão em jogo e trata deles especialmente nos capítulos 3 (sobre a linguística nas universidades alemãs) e 5 (sobre o contexto institucional em que os jovens gramáticos se estabeleceram) de seu livro. Ainda assim, parece faltar ao seu trabalho uma sistematização formal do período, uma que pudesse ser aplicada a outras áreas e outros períodos da história da ciência. Essa sistematização formal, que talvez fosse de fato mais produtiva para a filosofia da ciência do que para a sociologia da ciência, deveria ser suficientemente maleável para que desse conta de idiossincrasias de cada recorte, mas não demasiadamente a ponto de perder seu caráter explicativo rigoroso. O modelo que proponho é o elaborado por Lakatos (1970), que permite que incluamos as considerações de Amsterdamska nos baseando na defesa de Lacey dos valores cognitivos. Dessa forma, podemos observar se é possível sustentar a tese de que a ciência da linguagem entre 1861 e 1880 também se moldou, de fato, a partir de valores cognitivos, e se o modelo de Lakatos é aplicável em sua completude para o contexto de consolidação da linguística moderna.

2.4 UM MODELO PARA O PROBLEMA: A PROPOSTA LAKATOSIANA

A proposição do modelo de Lakatos para o estudo desse período não é uma novidade minha. Em seu artigo *An epistemological assessment of the Neogrammarian movement* [Uma análise epistemológica do movimento neogramático], Leroux (2007) realiza uma investigação baseada no conceito lakatosiano de programa de pesquisa científica, também partindo da ideia de que a conceituação de paradigmas de Thomas Kuhn é inadequada para se pensar o final do século XIX na linguística. Leroux aponta que a própria proposta kuhniana já apresenta problemas em suas formulações iniciais ao ter um foco excessivo no nível social do fazer científico. Assim, foram buscadas outras abordagens que incluíssem componentes cognitivos na análise.

The problem with Kuhn's sociological approach is that it mainly addresses scientific community structure, while remaining overly vague (or silent) on theory-structure and theory components. Hence, a need was felt to supplement Kuhn's notion of paradigm with a cognitive component (Koerner 1982, Amsterdamska 1987). (Leroux 2007, p. 266)¹⁷

Mas o que seriam os programas de pesquisa científicas e como eles se relacionam com a ideia de uma ciência baseada primordialmente nos valores cognitivos? Para Lakatos (1970, p. 132-135), todo programa de pesquisa científica possui um chamado núcleo duro, isto é, um conjunto de crenças e/ou hipóteses que não são, para os cientistas que adotarem o programa, passíveis de falseamento, pois são essenciais para o bom funcionamento do próprio programa. Esse núcleo duro seria cercado por um cinturão protetor formado por hipóteses auxiliares. Tais hipóteses, por sua vez, podem ser facilmente substituídas ou reformuladas para tornar o programa mais forte e o núcleo duro mais bem protegido. Para que os cientistas saibam como proceder de forma condizente com o programa, este contém

¹⁷ “O problema com a abordagem sociológica de Kuhn é que ela visa principalmente à estrutura da comunidade científica, enquanto se mantém demasiadamente vaga (ou calada) sobre estrutura teórica e componentes teóricos. Assim, foi sentida uma necessidade de suplementar a noção de paradigma de Kuhn com um componente cognitivo (Koerner, 1982; Amsterdamska, 1987).”

uma heurística positiva, isto é, um conjunto de caminhos que devem ser buscados e seguidos pelo cientista, e uma heurística negativa, ou seja, um conjunto de caminhos que devem ser evitados. A heurística positiva se dirige para o cinturão protetor, pois tenta dar certos parâmetros para fortalecê-lo, enquanto a negativa se dirige para o núcleo duro, já que tem como objetivo evitar que ele seja atingido.

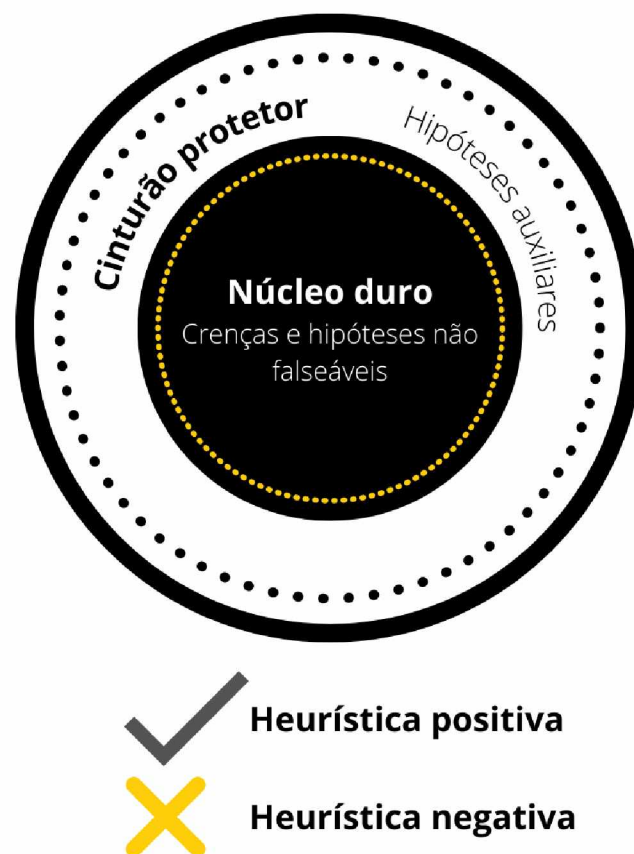


Figura 2: Modelo de programas de pesquisa científica

Existem algumas vantagens que o modelo nos proporciona. Um bom exemplo se encontra na relação entre o cinturão protetor, a heurística positiva e o progresso científico do programa. Em um programa saudável, isto é, baseado na manifestação em alto grau dos valores cognitivos, as hipóteses auxiliares que compõem o cinturão devem estar de acordo com a resolução de problemas determinados como relevantes pela heurística positiva. Se não estiverem, em vez de

o programa ser abandonado por completo, suas hipóteses auxiliares são reelaboradas de forma a explicar melhor tais problemas. Um programa que se comporta dessa maneira está de acordo com o avanço científico, ou seja, ele é mutável na mesma medida em que novos fenômenos, dados e anomalias são encontrados, em vez de dispensá-los como irrelevantes.

Outro aspecto importante levantado por Lakatos e que nos será bastante útil é a dinâmica exercida pelos programas de pesquisa. Como veremos, os estudos da linguagem no período recortado são extremamente heterogêneos, ainda que observemos algum sucesso maior ou menor de certos linguistas ou grupos. Enquanto para as análises de inspiração kuhniana costuma-se postular certa centralização teórica-metodológica, para Lakatos a ciência é feita em um jogo no qual programas diferentes competem entre si. Lakatos (1970, p. 155-164) comenta que a eliminação de um programa de pesquisa desse jogo não se dá e nem deve se dar de maneira simples. Fatos novos raramente são identificados de maneira rápida; dois programas que competem entre si dificilmente surgem na mesma área de pesquisa; os experimentos cruciais que tipicamente são tidos como balizas históricas para a mudança da ciência são raríssimos e precisam de um longo período para serem realizados e acatados pelos cientistas, além de não serem em si a razão para que um programa rival seja eliminado¹⁸. Dessa forma, para Lakatos, diferentemente de Kuhn, sempre haverá uma pluralidade de programas na ciência. Discutirei como isso é perceptível na linguística do século XIX, com a coexistência de programas como o de Schleicher, o de Steinthal, o de Whitney, o dos jovens gramáticos, o de Madvig, entre tantos outros.

Leroux também entende que, apesar da natureza nitidamente insurgente dos jovens gramáticos em nível sociológico – rompem com seus professores, fundam seus próprios periódicos, publicam sem grandes problemas seus artigos e ganham prestígio no meio acadêmico –, há dois problemas em entender esse momento como uma revolução científica segundo o modelo kuhniano. Em primeiro lugar, Leroux (2007, p. 266-267) aponta que não havia uma crise na ciência da linguagem anterior ao manifesto de 1878. Em segundo lugar, as mudanças realizadas pelos

¹⁸ Lakatos (1970, p. 173) afirma que esses experimentos sequer existem nesses termos, uma vez que não se observa na história um único experimento que tenha derrubado todo um programa rival.

jovens gramáticos não resultaram em incomensurabilidade de sua teoria com a teoria de seus antecessores, o que põe em xeque a ideia de uma mudança de paradigma. O próprio modelo de evolução teórica de Kuhn não condiz com tal análise, visto que a ordem dos acontecimentos reais não segue as previsões kuhnianas (ciência normal → acúmulo de anomalias → crise → ciência extraordinária → ciência normal sob novo paradigma). Leroux defende (p. 267) que, na verdade, quando os jovens gramáticos surgem, tanto eles quanto seus opositores têm sucessos em suas empreitadas científicas.

Considerando que usar a metodologia kuhniana é insuficiente e, acreditando que existam diferenças importantes entre os jovens gramáticos e seus antecessores, Leroux (p. 268) passa para uma abordagem lakatosiana do período. Para o autor, um passo essencial tomado pelos jovens gramáticos foi incorporar o princípio da analogia ao núcleo duro de sua teoria, junto do princípio da ausência de exceções às leis sonoras. É justamente em torno das consequências desse passo que se dão as polêmicas de 1885-1886, quando é questionada a validade do conveniente uso simultâneo dos dois princípios. Este trabalho pretende dar sequência à empreitada iniciada por Leroux.

3 DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS NA LINGUÍSTICA (1861-1880)

No capítulo anterior, mencionei que tratar da linguística no século XIX como um monólito, especialmente em seu período de plena expansão que coincide com o recorte deste trabalho, seria no mínimo equivocados. Como aponta Morpurgo Davies (1998, p. 190-191), apesar de haver algum conjunto de métodos, hipóteses, teorias, assunções, etc. compartilhado pela maioria dos linguistas da metade do século, não podemos afirmar que esse conjunto assumia a mesma forma para todos, ou mesmo para a maioria. Ao lermos os textos do período, podemos encontrar convergências e divergências entre quase todos os teóricos. Dessa forma, teríamos argumentos tanto para defender que houve, de fato, uma linha (ou paradigma, escola, vertente, corrente ou como queiramos chamar) iniciada pela segunda geração de linguistas, em especial Schleicher, que se prolongou com os jovens gramáticos, quanto para defender que os jovens gramáticos romperam com ela, estabelecendo uma nova¹⁹.

Para lidar com esse problema, baseei meu recorte bibliográfico em dois critérios: (1) autores mais difundidos na linguística institucionalizada nos países de língua germânica, seja por seus trabalhos serem amplamente lidos, seja por terem sido formadores de novos linguistas; (2) autores que estabeleceram diálogos uns com os outros. A lista de autores e obras a serem consideradas na minha análise é a seguinte:

Tabela 1: Lista de autores e obras abarcados

Autor	Título	Ano	Fonte utilizada
Johan N. Madvig (1805-1886)	Kleine philologische Schriften	1875	MADVIG, J. N. Kleine philologische Schriften , Leipzig: Teubner, 1875.
Georg Curtius (1820-1885)	Philologie und Sprachwissenschaft	1862	CURTIUS, G.; WINDISCH, E. (Org.). Kleine Schriften von Georg
	Über die Geschichte und Aufgabe der Philologie	1862	

¹⁹ Essa conclusão também é encontrada em Amsterdamska (1987, p. 91).

	Zur griechischen Dialektologie	1862	Curtius. 2 v. Leipzig: S. Hirzel, 1886.
	Über die localistische Casustheorie mit besonderer Rücksicht auf das Griechische und Lateinische	1863	
	Über die Spaltung des A-Lautes im Griechischen und Lateinischen mit Vergleichung der übrigen europäischen Glieder des indogermanischen Sprachstammes	1864	
	Über die Spuren einer lateinischen O-Conjugation	1864	
	Franz Bopp	1867	
	Sprache, Sprachen und Völker	1868	
	Bemerkungen über die Tragweite der Lautgesetze, insbesondere im Griechischen und Lateinischen	1870	
	Jacob Grimm	1871	
	Zu den Auslautsgesetzen des Griechischen	1878	
	Zur Chronologie der indogermanischen Sprachforschung	1873 (2 ^a .ed.)	CURTIUS, G. Zur Chronologie der indogermanischen Sprachforschung. 2a. ed. Leipzig: S. Hirzel, 1873.
August Schleicher (1821-1868)	Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen	1861-1862	SCHLEICHER, A. Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen. 2 v. Weimar: Hermann Böhlau, 1861-1862.
	Die Darwinsche Theorie und die Sprachwissenschaft	1863	SCHLEICHER, A. Die Darwinsche Theorie und die Sprachwissenschaft. Weimar: Hermann Böhlau,

			1863.
	Über die Bedeutung der Sprache für die Naturgeschichte des Menschen	1865	SCHLEICHER, A. Über die Bedeutung der Sprache für die Naturgeschichte des Menschen. Weimar: Hermann Böhlau, 1865.
	Eine fabel in indogermanischer ursprache	1868	SCHLEICHER, A. Eine fabel in indogermanischer ursprache. Beiträge zur vergleichenden Sprachforschung auf dem Gebiete der arischen, celtischen und slawischen Sprachen, vol. 5, n. 2, p. 206-208, 1868.
Max Müller (1823-1900)	Lectures on the Science of Language	1864 (2 ^a . ed.)	MÜLLER, M. Lectures on the Science of Language. 2a.ed. Londres: Longman, Green, Longman, Roberts & Green, 1864.
	Chips from a German Workshop, Volume IV. Essays chiefly on the Science of Language.	1875	MÜLLER, M. Chips from a German Workshop, Volume IV. Essays chiefly on the Science of Language. Londres: Longmans, Green and Co., 1875.
Heymann Steinthal (1823-1899)	Philologie, Geschichte und Psychologie in ihren gegenseitigen Beziehungen	1864	STEINTHAL, H. Philologie, Geschichte und Psychologie in ihren gegenseitigen Beziehungen. Berlim: Ferd. Dümmler's Verlagsbuchhandlung,

			1864
	Die Mande-Neger-Sprachen psychologisch und phonetisch betrachtet	1867	STEINTHAL, H. Die Mande-Neger-Sprachen psychologisch und phonetisch betrachtet. Berlim: Ferd. Dümmler's Verlagsbuchhandlung, 1867.
	Abriss der Sprachwissenschaft	1871	STEINTHAL, H. Abriss der Sprachwissenschaft. Berlim: Ferd. Dümmler's Verlagsbuchhandlung, 1871.
	Antikritik. [Gegen Whitney, Oriental and linguistic studies] Wie Einer den Nagel auf den Kopf trifft. Ein freundschaftlicher Dialog	1875	STEINTHAL, H. Antikritik. [Gegen Whitney, Oriental and linguistic studies] Wie Einer den Nagel auf den Kopf trifft. Ein freundschaftlicher Dialog. Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft, vol.8, p. 216-250, 1875.
William Dwight Whitney (1827-1894)	Language and the Study of Language: Twelve Lectures on the Principles of Linguistic Science	1867	WHITNEY, W. D. Language and the Study of Language: Twelve Lectures on the Principles of Linguistic Science. Londres: N. Trübner & Co., 1867.
	The Life and Growth of Language: an Outline of Linguistic Science	1875	WHITNEY, W. D. The Life and Growth of Language: an Outline of Linguistic Science. Nova York: D. Appleton & Co., 1875.
August Leskien	Die Declination im Slavisch-	1876	LESKIEN, A. Die

(1840-1916)	Litauischen und Germanischen		Declination im Slavisch-Litauischen und Germanischen. Leipzig: S. Hirzel, 1876.
Berthold Delbrück (1842-1922)	Die deutsche lautverschiebung	1869	DELBRÜCK, B. Die deutsche lautverschiebung. Zeitschrift für deutsche Philologie , vol.1, p. 1-21, 1869.
	Die deutsche lautverschiebung (Fort. und schluss)	1869	DELBRÜCK, B. Die deutsche lautverschiebung (Fort. und schluss). Zeitschrift für deutsche Philologie , vol.1, p. 133-156, 1869
	Die declination der substantiva im germanischen insonderheit im gotischen	1870	DELBRÜCK, B. Die declination der substantiva im germanischen insonderheit im gotischen. Zeitschrift für deutsche Philologie , vol.2, p. 381-407, 1870
	Einleitung in das Sprachstudium. Ein Beitrag zur Geschichte und Methodik der vergleichenden Sprachforschung	1880	DELBRÜCK, B. Einleitung in das Sprachstudium. Ein Beitrag zur Geschichte und Methodik der vergleichenden Sprachforschung. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1880.
Hermann Paul (1846-1921)	Zur Lautverschiebung	1874	PAUL, H. Zur Lautverschiebung. Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur , vol. 1, p. 147-201, 1874.

	Die vocale der flexions- und ableitungs-silben in den ältesten germanischen dialecten	1877	PAUL, H. Die vocale der flexions- und ableitungs-silben in den ältesten germanischen dialecten. Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur , vol. 4, p. 314-475, 1877
	Principien der Sprachgeschichte	1880	PAUL, H. Principien der Sprachgeschichte . Halle: Max Niemeyer, 1880
Hermann Osthoff (1847-1909)	Etymologisches, lautliches und grammatisches	1877	OSTHOFF, H. Etymologisches, lautliches und grammatisches. Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung auf dem Gebiete der Indogermanischen Sprachen , vol. 23, n.1, p. 84-94, 1877.
	Vorwort: Morphologische Untersuchungen	1878	OSTHOFF, H.; BRUGMANN, K. Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen . vol.1. Leipzig: Verlag von S. Hirzel, 1878.
	Das physiologische und psychologische Moment in der sprachlichen Formenbildung	1879	OSTHOFF, H. Das physiologische und psychologische Moment in der sprachlichen Formenbildung . Berlin: Carl Habel, 1879.
Karl Brugmann (1849-1919)	Nasalis sonans in der indogermanischen Grundsprache	1876	BRUGMANN, K. Nasalis sonans in der indogermanischen

			Grundsprache. Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik , Leipzig, vol. 9, p. 285-338, 1876a.
	Zur Geschichte der stammabstufenden Declinationen. Erste Abhandlung: Die Nomina auf -ar- und -tar-	1876	BRUGMANN, K. Zur Geschichte der Stammabstufenden Declinationen. Erste Abhandlung: die Nomina auf -ar- und -tar-. Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik , Leipzig, vol. 9, p. 361-406, 1876b.
	Resenha de Madvig - Kleine philologische Schriften, 1875	1876	MADVIG, Johan Nicolai. Kleine philologische Schriften. Leipzig: Teubner, 1875. Resenha de: BRUGMANN, Karl. Literarisches Centralblatt , v. 4, p. 114-116, 22 de jan. 1876c.
	Resenha de Steinthal - Der Ursprung der Sprache im Zusammenhange mit den letzten Fragen alles Wissens, 3.ed 1877	1877	BRUGMANN, K. Resenhas de: MARTY, A. Der Ursprung der Sprache im Zusammenhang mit den letzten Fragen alles Wissens. Würzburg, A. Stuber's Buchhandlung, 1876; STEINTHAL, H. Der Ursprung der Sprache im Zusammenhange mit den letzten Fragen alles Wissens. 3a.ed. Berlim, Ferd. Dümmlers Verlagsbuchhandlung, 1877; NOIRÉ, L. Der Ursprung der Sprache.

			Mainz, Victor von Zabern, 1877. Jenaer Literaturzeitung , n.45, p. 693-695, 1877.
Eduard Sievers (1850-1932)	Grundzüge der Lautphysiologie zur Einführung in das Studium der Lautlehre der indogermanischen Sprachen	1876	SIEVERS, E. Grundzüge der Lautphysiologie zur Einführung in das Studium der Lautlehre der indogermanischen Sprachen . Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1876.

Infelizmente autores que também produziram no período, como Michel Bréal (1832-1915), Gaston Paris (1839-1903), Graziadio Isaia Ascoli (1829-1907) e Abel Hovelacque (1843-1896) não puderam compor o estudo por terem escrito em línguas que não domino – italiano e francês. Pelo mesmo motivo, não pude contemplar os textos de Madvig em dinamarquês, apenas suas traduções para o alemão.

Também de fora do recorte ficaram autores que publicaram no período, mas que não preencheram um dos critérios. É o caso de Baudouin de Courtenay (1845-1929) e Mikołaj Kruszewski (1851-1887), cujos textos seriam traduzidos e difundidos somente a partir de meados da década de 1880, e trabalhos de descrições linguísticas, como por exemplo as de Lucy Lloyd (1834-1914) e Wilhelm Bleek (1827-1875), que pouco dialogaram com os autores abordados.

Por fim, também foram excluídos do recorte autores que, apesar de preencherem os dois critérios, tiveram maior impacto a partir de 1881, como Hugo Schuchardt (1842-1927) e Johannes Schmidt (1843-1901), que se envolveriam na controvérsia de 1885-1886 sobre o princípio da analogia, e Ferdinand de Saussure (1857-1913), cujo *Mémoire* exigiria a escolha de uma série de outros textos não elencados aqui sobre o vocalismo indo-europeu. Por acreditar que esses autores deveriam ter seus textos estudados em trabalhos com outros objetivos de pesquisa e recortes temporais, escolhi não os inserir na bibliografia analisada. Farei menções aos seus trabalhos apenas em momentos pontuais oportunos.

Tendo explicitado os critérios a partir dos quais foi selecionado o material de análise, passo à análise dos valores cognitivos. A primeira seção será dedicada às bases filosóficas que se fizeram presentes ao longo do século XIX e exerceram influência direta ou indireta sobre os linguistas. Em seguida, discutirei os fundamentos teórico-metodológicos e como e em que grau eles divergiram e/ou convergiram entre os envolvidos. Neste momento, apesar de eventualmente direcionar minha leitura para o modelo lakatosiano, ainda não o aplicarei de modo sistemático. Isso somente será concretizado no capítulo 5. Neste capítulo, tentarei apresentar como se estabeleceram os conjuntos de valores cognitivos considerados relevantes para a ciência da linguagem no período.

3.1 AS BASES FILOSÓFICAS DOS PROGRAMAS

Comentamos sobre a impossibilidade de tratar da linguística do século XIX enquanto monólito. Não seria diferente ao observarmos os princípios filosóficos subjacentes a ela. Tratarei de duas bases filosóficas então vigentes: o idealismo alemão e o senso comum escocês. Ambas foram assumidas, em maior ou menor grau, pela maioria dos teóricos do período, e possuem um papel central para o estabelecimento dos princípios metodológicos derivados ou relacionados a elas.

O papel do romantismo como elemento fundamental da linguística novecentista, em especial na primeira metade do século, já foi amplamente abordado (cf. Jankowsky, 1972; Amsterdamska, 1987; Morpurgo Davies, 1998; Alter, 2005). As relações entre essa escola filosófica e a ciência da linguagem se dão em diversos níveis. No nível mais superficial temos figuras artísticas importantes para o movimento romântico que também atuaram nos estudos da linguagem do período, como Jacob Grimm, Wilhelm von Humboldt e os irmãos Schlegel. No nível institucional, a academia alemã é moldada por preceitos essencialmente românticos de uma *Bildung* ideal, pautados nas ideias do próprio Humboldt (Amsterdamska, 1987, p. 66-69). Tal visão fomentaria o estudo tanto das letras clássicas quanto das chamadas línguas orientais, como o sânscrito, o persa, o árabe e hebraico, bem como de suas respectivas expressões culturais. A influência romântica, por fim, se estende às premissas dos estudos linguísticos novecentistas, em especial na forma da metáfora organicista.

Definir o organicismo é uma tarefa árdua, uma vez que o conceito assumiu diferentes formas e graus de autor para autor. Apesar desse desafio, podemos considerá-lo, de maneira geral, como uma representação metafórica das línguas enquanto organismos vivos que surgem, se desenvolvem, decaem e eventualmente morrem²⁰. Na perspectiva organicista mais forte, não há qualquer forma de progresso no sentido iluminista, mas sim uma decadência: quanto mais antiga uma

²⁰ Como dito, essa é uma simplificação da forma que o organicismo foi compreendido no início do século XIX. Para uma discussão mais detalhada sobre o organicismo na primeira metade do século, cf. o capítulo 4 de Morpurgo Davies (1998, p. 83-97).

forma, mais “intacta” e “pura” ela será. Assim como um organismo, as línguas também envelhecerem. É esse o sentido que encontramos em Grimm:

Da die hochdeutsche Sprache des dreizehnten Jahrhunderts edlere, reinere Formen zeigt, als unsere heutige, die des achten und neunten wiederum reinere, als des dreizehnten, endlich das gothische des vierten oder fünften noch vollkommnere; so folgt, daß die Sprache, wie sie die deutschen Völker im ersten Jahrhundert geredet haben, selbst die gothische übertroffen haben werde. Man könnte eine förmliche Berechnung über den progressiven Untergang der Flexionsfähigkeit anstellen.²¹ (Grimm, 1968, p. 18)

Para Grimm e para muitos outros organicistas, a busca pelas formas mais antigas era também a busca pelos sentidos mais antigos. Estar próximo de uma forma mais antiga de determinada palavra significaria estar mais próximo da compreensão do sentido original carregado por ela – um sentido mais puro, menos decaído. Desse modo, uma vez que a linguagem e a mente humana estão intrinsecamente conectadas, poderíamos compreender também os seres humanos desses períodos anteriores, bem como suas culturas.

O interesse nas formas linguísticas antigas tinha uma motivação filosófica: muitos dos autores que adotavam a perspectiva organicista defendiam, também, a relação entre as características de cada língua e as idiossincrasias da nação, povo ou grupo linguístico (Jankowsky, 1972, p. 38). Costuma-se remontar essa premissa a Herder, mas ela se torna lugar comum no século XIX, estando presente em Jacob Grimm, Wilhelm von Humboldt, Heymann Steinthal²², entre outros. É justamente ela que abre amplo espaço para o estudo histórico das línguas, ainda que pouco diga respeito à metodologia com a qual há de se trabalhar – o que pode ser encarado

21 “Já que o alto alemão do século XIII apresenta formas mais nobres, mais puras do que as de hoje, o do século VIII e o do século IX igualmente apresentarão formas mais puras do que o do século XIII, e por fim o gótico dos séculos IV ou V formas ainda mais perfeitas; assim se sucede que a língua utilizada pelos povos germânicos no primeiro século superaria mesmo o gótico. Poder-se-ia empregar um cálculo formal do declínio progressivo da capacidade de inflexão.”

22 O programa de Steinthal em conjunto com Moritz Lazarus, chamado de *Völkerpsychologie*, é talvez o principal exemplo dessa corrente filosófica. Apesar de a *Völkerpsychologie* desempenhar um papel relevante para as discussões linguísticas da segunda metade do século, não me aprofundarei nela – para isso, seria necessária uma dissertação só sobre ela, especialmente por seu caráter multidisciplinar, o que talvez justifique a ausência de uma análise sobre Steinthal no livro de Amsterdamska. Seus aspectos mais importantes para o programa dos jovens gramáticos e os embates teóricos entre Steinthal e Whitney, no entanto, serão discutidos mais à frente.

como uma explicação para ter sido adotada por sistemas teóricos tão diferentes, como os estudos generalistas de Humboldt e o comparativismo de Grimm.

Tais influências românticas na linguística alemã foram vistas por alguns autores como demasiadamente abstratas – veremos mais à frente, por exemplo, William Whitney tecendo essa crítica a Heymann Steinthal. No entanto, uma grande presença de conceitos abstratos e metáforas não impediu que a disciplina se debruçasse sobre os elementos físicos da linguagem. Afinal, foi estabelecida uma ponte importante entre o mundo abstrato, por assim dizer, e o mundo físico: para esses linguistas, as estruturas gramaticais seriam a manifestação física da essência das línguas. Acreditava-se que era justamente por meio do estudo morfológico e fonológico dessas estruturas que a ciência da linguagem poderia se aproximar da compreensão dessa essência (Amsterdamska, 1987, p. 38-39).

In Bopp's and Schlegel's theories of the original structure of the Indo-European mother tongue, the notion of the organic perfection of the early language was combined with a distinction (which can be traced to Leibniz) between linguistic forms which express referential meaning (roots) and forms which express relations (inflections). The Indo-European language was organic because there was an internal and immediate relationship between roots and inflections. The fact that there was a dispute about the actual nature of this relationship, and that two theories describing this relationship were proposed and discussed, supports the hypothesis that philosophical ideas do not determine fully the theoretical systems constructed on their basis.²³ (Amsterdamska, 1987, p. 39)

Além dos primeiros comparativistas, de Wilhelm von Humboldt e dos irmãos Schlegel, a segunda geração de linguistas levou adiante algumas de suas principais ideias. Steinthal, por exemplo, seguiu, em grande medida, uma tradição generalista iniciada por Humboldt. A relação entre linguagem e pensamento encontrada nos escritos de Humboldt – *„Ihre [der Sprachen] Verschiedenheit ist nicht eine von*

23 “Nas teorias de Bopp e Schlegel sobre a estrutura original da língua mãe indoeuropeia, a noção de perfeição orgânica da língua ancestral era combinada com a distinção (que pode ser traçada até Leibniz) entre formas linguísticas que expressam significado referencial (raízes) e formas que expressam relações (flexões). A língua indoeuropeia era orgânica porque havia uma relação interna e imediata entre línguas e flexões. O fato de que houve uma disputa sobre a verdadeira natureza dessa relação e que duas teorias que descreviam essa relação foram propostas e discutidas sustenta a hipótese de que ideias filosóficas não determinam totalmente os sistemas teóricos construídos a partir delas.”

*Schällen und Zeichen, sondern eine Verschiedenheit der Weltansichten selbst*²⁴ (Humboldt, 1905, p. 27) – é semelhante à encontrada na *Völkerpsychologie* de Steinthal. Uma das propostas dessa disciplina, uma interseção da psicologia, história e linguística, era tentar estudar a língua de um povo em busca de rastros psicológicos que pudessem dizer algo a respeito das suas visões de mundo, criando uma espécie de mente coletiva.

No entanto, o autor de maior relevância para a metáfora organicista foi, sem sombra de dúvidas, August Schleicher. Com ele, essa metáfora surgida no centro do romantismo ganharia na metade do século uma explicação filosófica mais elaborada e mais condizente com os debates científicos do período. Schleicher foi contemporâneo da ascensão do materialismo nas ciências, especialmente nas ciências naturais. Enquanto as teorias influenciadas pelo romantismo buscavam compreender uma espécie de essência de seus objetos de estudo – essência que ganhou diversas acepções, como mente, alma, espírito, etc. –, para os materialistas a base da pesquisa científica deveria ser, como o próprio nome implica, a matéria. No âmbito da linguística havia uma situação desfavorável ao materialismo: a metáfora organicista fornecia uma explicação satisfatória para a mudança linguística, relacionando-a a uma espécie de decadência da língua original, que conteria a manifestação perfeita da essência da linguagem. Além disso, os aspectos físicos já estavam englobados na pesquisa, uma vez que seria por meio deles que os linguistas poderiam ter uma melhor compreensão do nível mais abstrato da linguagem.

Schleicher estava convencido do papel fundamental do estudo fonológico para a linguística, mas não de que a metáfora organicista deveria ser abandonada. Baseando-se na filosofia hegeliana, Schleicher recorre ao monismo, defendendo que nem a substância deveria estar acima da essência, nem o contrário, uma vez que ambas seriam partes constituintes da mesma coisa (McElvenny, 2018, p. 6). Dessa forma, ele ao mesmo tempo manteve a metáfora organicista no centro da linguística, deu a ela uma explicação monista e inseriu a matéria (neste caso, os sons) como objeto de estudo central da linguística, e não apenas uma manifestação de um nível não observável e superior. Ao fazê-lo, Schleicher estava, também, aproximando a

24 “A diferença delas [das línguas] não é uma de sons e signos, mas uma diferença das próprias visões de mundo.”

linguística ao evolucionismo ligado ao movimento materialista – ainda que seu contato com a obra de Darwin tenha se dado apenas no final de sua vida. Portanto, para Schleicher e seus adeptos, sendo a linguística uma ciência baseada no estudo dos sons, ela seria também uma ciência natural. As consequências metodológicas disso serão abordadas posteriormente.

No entanto, o romantismo não é a única corrente filosófica que se alastra no período. Madvig foi, talvez, a figura mais antirromântica do início do século dentro dos estudos da linguagem – ainda que sua influência tenha sido mínima nas instituições alemãs. Sua afiliação filosófica é, provavelmente, inexistente. Hauger (1989, p. 4-5) aponta que Madvig não pertenceu a nenhum grupo ou escola de seu período. Isso talvez tenha se dado pelo seu interesse maior em debates linguísticos dos séculos XVII e XVIII. A conexão talvez mais fácil de ser estabelecida é entre Madvig e Leibniz (ibid., p. 178). Madvig partia da mesma premissa de Leibniz de que a linguagem serviria primariamente para propósitos de comunicação, de compreensão mútua, e não para desempenhar outras funções, como pensamento. Os linguistas alemães, por outro lado, aderiam principalmente a ideias remontáveis a Herder, entre elas a de que a comunicação é que seria secundária à autoexpressão (ibid., p. 178). Humboldt (1836, p. LXIX) chega a reconhecer a importância da comunicação, mas não como objetivo principal da linguagem. Para Madvig, no entanto, a linguagem deveria ser estudada a partir da comunicação.

Whitney também foi crítico das ideias românticas adotadas pela linguística alemã. Assim como Madvig, suas ideias remontavam aos séculos XVII e XVIII, mas por razões diferentes. Sua formação inglesa lhe deu o senso comum escocês como base filosófica. Uma vertente moderada do iluminismo britânico, essa escola também se opunha ao idealismo de Herder. Entre as premissas do senso comum escocês estavam algumas também elaboradas independentemente por Madvig, bem como por diversos leitores do *Essay* de John Locke: a relação entre uma palavra e a ideia que ela representa não é inerente, mas sim arbitrária e convencional (Alter, 2005, p. 72). Essa mesma premissa seria abertamente defendida por Whitney, e por meio dele entraria pouco tempo depois na linguística feita nas instituições alemãs. Enquanto a arbitrariedade e a convencionalidade do signo só seriam moeda corrente na Europa continental a partir da recepção do CLG de Saussure, elas já estavam

bem estabelecidas na academia de língua inglesa na primeira metade do século XIX. No âmbito dos estudos da linguagem, o currículo dessas universidades priorizava textos sobre lógica e retórica, como os de Hugh Blair (1718-1800) e George Campbell (1719-1796), ambos teóricos do senso comum escocês. (Alter, 2005, p. 72-73)

Com a inserção das ideias de Whitney nas instituições alemãs por meio das traduções de Leskien, a influência romântica na linguística se dissolveria gradualmente. À altura dos anos 1870, a obra de Steinthal já havia inserido elementos psicologizantes na linguística. Para Whitney, distante das discussões levantadas por teóricos como Johann Friedrich Herbart (1776-1841) e Gustav Fechner (1801-1887), Steinthal apresentava ideias seriam demasiadamente “metafísicas” que não estariam de acordo com o método científico (Whitney, 1873, p. 332-334). Os jovens gramáticos, por outro lado, viram nos estudos da psicologia experimental uma ferramenta útil para a explicação das mudanças por analogia – princípio sobre o qual falarei com maiores detalhes na seção sobre princípios metodológicos. Desse modo, o monismo schleicheriano não era mais necessário: as leis sonoras explicariam as mudanças tidas como mecânicas, isto é, aquelas que não sofreriam interferência psicológica, enquanto a analogia explicaria a influência da mente humana. De modo geral, qualquer questão relacionada a uma suposta essência linguística poderia ser abandonada. O resultado disso foi uma nova postura a respeito da reconstrução das formas antigas: não se tratava mais de buscar por formas linguísticas mais puras, mas sim de explicar por quais modos as mudanças se deram.

Como constituinte filosófico dos jovens gramáticos temos, principalmente, o positivismo do final do século. No entanto, o positivismo encontrado aqui não é um corpo filosófico sólido e bem delineado. Tratava-se mais de algo instaurado no pensamento corrente da academia alemã naquele período – aqui, talvez o que Koerner (1989g) chama de clima de opinião pudesse ser bem aplicado. Amsterdamska (1987, p. 101) aponta que, na verdade, essa falta de clareza na base filosófica dos jovens gramáticos é plenamente condizente com a aversão a qualquer elemento tido como abstrato ou “metafísico” que encontramos no positivismo. Essa primazia pelo empirismo foi internalizada pelos jovens gramáticos, sendo um

elemento fundamental para o que eles entenderiam como um rompimento com seus antecessores. O grupo não almejava apenas reconhecer o papel exercido pelos dados e pela análise deles, mas também elevá-los à mais alta posição nos estudos linguísticos.

3.2 AS BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DOS PROGRAMAS

O problema mais discutido sobre as décadas de 1860 e 1870 na linguística diz respeito aos princípios teórico-metodológicos utilizados pela segunda geração de linguistas (em especial August Schleicher) e os primeiros escritos dos jovens gramáticos. As análises, como já sabemos, muitas vezes giram em torno da questão da existência ou não de uma ruptura a partir dos jovens gramáticos com os primeiros comparativistas. No entanto, como apresentarei a seguir, o principal ponto levantado desde os anos 1880 costuma ser a presença ou ausência, em ambos os grupos, das explicações de mudanças sonoras causadas por analogias e das mudanças causadas por leis sonoras. Tentarei explicar, nesta subseção, por que a mera presença ou não dessas ferramentas explicativas não pode responder à pergunta proposta.

Em um período posterior ao que este trabalho se debruça, dois alunos de August Schleicher argumentariam em favor da presença das leis sonoras no trabalho do professor. Hugo Schuchardt (1885, p. 34) fez certa concessão aos jovens gramáticos, mas não deixa de notar que talvez fosse possível remontar esse princípio até Schleicher:

Die Lehre von der Ausnahmlosigkeit der Lautgesetze, welche wenn sie nicht thatsächlich von A. Schleicher herrührt, sicher ganz in seinem Sinne decretirt worden ist, ragt wie eine Antiquität aus jener Periode in die heutige herein (...).²⁵

Johannes Schmidt, por outro lado, seria mais enfático: segundo ele, seria impossível conceber a cientificidade de Schleicher sem a teoria das leis sonoras sem exceções (Schmidt, 1887, p. 306). Por conta disso, tanto Schmidt quanto Schuchardt criticariam os jovens gramáticos por reivindicarem uma ruptura com seus antecessores.

²⁵ “A doutrina das leis sonoras que não admitem exceções, que, se não deriva de fato de A. Schleicher, certamente foi calcada inteiramente em seu pensamento, se estende de um período como a Antiguidade até os dias de hoje.”

As leis sonoras não eram novidade, tampouco o eram as mudanças por analogia²⁶. Ao confrontarem as leis sonoras conhecidas com os dados, os linguistas da segunda geração se deparavam com uma série de exceções a elas. Duas saídas eram buscadas: em primeiro lugar, tentava-se reelaborar as leis a fim de abarcar as aparentes exceções – é nesse sentido que Karl Verner (1846-1896) propõe uma explicação para as exceções da lei de Grimm –; em segundo lugar, se fosse impossível encontrar explicações dentro desse modelo, ou deixava-se o problema para o futuro da linguística, ou presumia-se que aquelas mudanças não seriam causadas por essas leis, mas sim por analogia. Esse conceito, assim como o das leis sonoras, é anterior aos jovens gramáticos, e até mesmo ao século XIX. Tanto Schleicher quanto Curtius, por exemplo, usaram-no, e Curtius apontaria que ele datava desde os teóricos gregos (Morpurgo Davies, 1998, p. 255). Contudo, apesar das leis sonoras e da analogia serem conceitos elaborados por mais de uma geração de linguistas, não é possível afirmar que o mesmo papel foi desempenhado por elas nos respectivos modelos de investigação.

O princípio das leis sonoras é recorrente na metodologia da linguística comparativa desde o seu início com Rasmus Rask. A condição de elas aceitarem ou não exceções, por outro lado, não é algo consensual. Curtius (1866, p. 379), por exemplo, reconhece a necessidade de leis que orientem os estudos científicos, mas também ressalta a importância da discussão em torno de eventuais mudanças esporádicas que fujam a elas. Curtius está em concordância tanto com as primeiras duas gerações de linguistas quanto com os jovens gramáticos: a metodologia comparativa gira, essencialmente, em torno das leis sonoras, sem deixar de considerar que existem mudanças causadas por outros fenômenos. Apesar disso, sempre houve um esforço para que os sistemas propostos englobassem o maior número possível de ocorrências, o que corresponde ao valor cognitivo de adequação empírica.

26 Um exemplo de familiaridade com ambos é a resenha que Johannes Schmidt, ex-aluno de Schleicher e futuro oponente dos jovens gramáticos, faz de *Die Declination im Slavisch-Litauischen und Germanischen* (1876), de August Leskien. Schmidt, ao discutir os dados levantados por Leskien, não apresenta qualquer sinal de estar diante de conceitos novos e os utiliza de maneira fluida. Podemos depreender disso que Schmidt também presumia do leitor especializado o conhecimento desses termos.

Tomemos como exemplo, mais uma vez, a lei de Grimm. Ao tratar de algumas exceções, Grimm (1869, p. 950) aponta para a possibilidade de elas terem sido ocasionadas por dialeção ou por analogia – é o caso, afirma Grimm, do gótico *dags* e do nórdico antigo *dægr*, que a partir de sua lei deveriam ter resultado respectivamente em *tags* e *tægr*. Franz Bopp, Carl Friedrich Lottner (1834-1873) e Hermann Grassmann (1809-1877) também se dedicaram a essa tarefa, mostrando que algumas das exceções eram, na verdade, falsas exceções ocasionadas por falsas etimologias, onomatopeias, ou empréstimos de outras irregularidades, ou ainda que algumas das aparentes exceções eram causadas por outros processos linguísticos, como dissimilações (Morpurgo Davies, 1998, p. 174). De modo geral, por volta da metade do século, a atitude recorrente da maioria dos comparativistas foi aplicar tanto quanto possível as leis sonoras conhecidas. Essa tendência é observável mesmo em linguistas de fora da Alemanha, como é o caso de Ascoli, que ao tentar explicar as mudanças esporádicas do protoindo-europeu para o grego antigo (um *k* protoindo-europeu ora se mantendo como *k*, ora se tornando *p* em grego antigo) levou a comunidade linguística à conclusão da existência de velares e labiovelares em protoindo-europeu (ibid.).

Podemos afirmar, portanto, que a busca pelas leis sonoras não é uma novidade dos jovens gramáticos. A possibilidade de mudanças por analogia, como já vimos, é aceita até mesmo por Grimm. Onde jaz, então, uma mudança metodológica, se é que ela ocorreu?

Desde o manifesto, os jovens gramáticos apresentam seu modelo de pesquisa como sendo baseado nos princípios das leis sonoras e da analogia. Ao longo de seus trabalhos, observa-se que o papel das mudanças analógicas é muito maior do que o encontrado até então. Para os linguistas das primeiras gerações a hipótese das mudanças analógicas possuía um poder explicativo pequeno, sendo utilizada apenas como uma explicação ocasional, e não como um princípio a ser seguido. A partir dos jovens gramáticos, no entanto, a analogia é incorporada ao núcleo duro do programa, assumindo um papel central. Parece ser justamente esse o motivo da controvérsia que se daria nos anos 1880²⁷. August Fick (1883, p. 583-584), por exemplo, diz que o livro *Zur lateinischen Verbalflexion*, do austríaco

27 Cf. Wilbur (1977).

Friedrich Stolz (1850-1915), era a prova de que a “doença infantil e da moda do analogismo” [*Mode- und Kinderkrankheit der Analogisterei*] ainda não havia morrido. Ao resenhar as Investigações Morfológicas de Brugmann e Osthoff, Adalbert Bezzenberger (1879, p. 659) diz que de modo não científico os jovens gramáticos ganhavam cada vez mais terreno enquanto hiperanalogizavam [*veranalogisieren*] a língua inteira.

Como já vimos, há um fundo filosófico para que os jovens gramáticos aderissem ao princípio da analogia. Inspirados pela psicologia herbartiana – seja por influência direta de Steinthal, seja pela sua presença no meio acadêmico da segunda metade do século XIX –, os jovens gramáticos vincularam, desde o início de seu programa, a analogia às mudanças ocasionadas por associações. Um exemplo utilizado por Paul (1880, p. 74) de simples entendimento é com relação ao plural do alemão. Imaginemos uma pessoa que conhece a palavra *die Hütte* (nominativo singular feminino), mas não sabe seu plural nominativo. Digamos que essa mesma pessoa conhece a palavra *die Stunde* (nominativo singular feminino) e sabe que seu plural é *die Stunden*. Seguindo a fórmula da analogia dada por Paul (p. 74) $a : b \rightarrow a : x$, a pessoa pode concluir que o plural de *die Hütte* se dá da mesma forma, sendo, portanto, *die Hütten*.

Apesar de o exemplo ser extremamente simples e nada polêmico, vemos uma diferença importante do princípio da analogia apresentado por Brugmann e Osthoff (1878). Paul está inscrevendo a formação analógica no contexto de produção de fala, e não apenas no contexto de formação histórica das palavras. Paul (1880) reconhece (p. 75-76) que esse processo ocorre de forma que seus resultados costumam ter curta duração: na maioria das vezes, o que ocorre é que as novas formas desaparecem tão logo são pronunciadas, não havendo registros delas. Porém, há também aquelas novas formas criadas por esse processo que são adotadas por um grupo linguístico e, conseqüentemente, sobrevivem, tornando-se objeto de análise da linguística histórica. (ibid., p. 76-77)

De acordo com a perspectiva de Paul, temos, de fato, dois conceitos de analogia (ou dois momentos em que é possível falar dela). Em primeiro lugar, a analogia que ocorre no ato da fala, sendo algo inerente à capacidade humana da

linguagem. Em segundo lugar, a mudança linguística retificada por uma comunidade linguística. A segunda analogia é, portanto, nada mais do que um produto da primeira. Observam-se, aqui, duas instâncias de investigação linguística: uma sincrônica, que diz respeito à analogia do ato da fala, e outra diacrônica, que diz respeito às novas formas que resultaram da formação analógica ao longo da história das línguas. Essa distinção parece ser uma inovação dos jovens gramáticos com relação aos seus antecessores. Podemos afirmar isso pelo papel de manual dos jovens gramáticos que os *PDS* de Paul assumiriam.

O livro de Paul é famoso especialmente pela recepção que teve a partir de sua segunda edição, lançada em 1886. No entanto, como Chen (2018) discute em maiores detalhes, os textos do linguista já tinham uma circulação considerável antes dela. Naturalmente, isso não incorre em uma ampla aceitação de suas ideias, mas sim de introdução delas no debate geral – fosse no sentido de concordar com elas, como fizeram os demais jovens gramáticos, fosse no sentido de discordar delas.

Chen (2018, p. 323), no entanto, aponta que a primeira edição dos *PDS* não foi a contribuição de Paul mais discutida antes do lançamento de sua segunda edição, mas sim seus artigos publicados em revistas científicas. Nesses artigos, Paul lidava principalmente com análises fonológicas e morfológicas das línguas germânicas numa perspectiva histórica – ele era, afinal de contas, um germanista de formação e atuação. Neles, pouco ou nada se discute sobre perspectivas mais generalistas na ciência da linguagem, algo que seria guardado para seu texto de maior fôlego.

Franz Misteli (1841-1903), professor suíço de filologia clássica na Universidade de Basel, publicaria em 1882 uma resenha da primeira edição dos *PDS* na revista *Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft* [Revista de Völkerpsychologie e Linguística], editada por Heymann Steinthal e Moritz Lazarus. Nela, Misteli ao mesmo tempo critica e louva o livro de Paul, abrindo o texto com as seguintes palavras: “*Bücher, wie das vorstehende, welche allgemeinere Probleme erörtern, verraten eine Wendung zum Bessern, denn allgemeiner Gesichtspunkte kann keine Einzelforschung auf die Dauer entbehren*”²⁸ (Misteli, 1882, p. 376). Ainda

28 “Livros como este acima, que discutem problemas mais gerais, revelam uma mudança para o melhor, pois nenhuma pesquisa individual consegue prescindir de pontos de vista mais gerais.”

assim, Misteli não estava de todo satisfeito com as colocações de Paul, e criticou a recusa de Paul às abstrações (algo observável, por exemplo, em Paul (1880, p. 28)). De acordo com o resenhista, até para Paul seria difícil, ou mesmo impossível, fazer linguística sem a ajuda de abstrações:

Sieht sich auch Paul so gut wie wir andern gezwungen, die Erscheinungen in Gruppen zu scheiden d. h. zu abstrahiren, nur nach andern Durchschnitte. Oder wenn er S. 40 erstens die Bewegungen der Sprechorgane, zweitens die Bewegungsgefühle, drittens die Tonempfindungen, viertens die Erinnerungsbilder unterscheidet, ist das nicht auch Abstraction und zwar eine viel größere farblosere als wenn man von Kehl-, Zahn- und Lippenlauten spräche?²⁹ (Misteli, 1882, p. 386)

A conclusão de Chen (2018) a respeito da recepção da primeira edição dos PDS é que enquanto seus artigos tiveram uma grande circulação no curto prazo, especialmente por estar melhor integrado ao tipo de ciência da linguagem feita no período, os PDS tiveram um maior impacto no longo prazo. O texto, apesar de não ser tão citado, estabeleceu questões que norteariam a linguística, em especial por ser tomado desde a primeira edição como uma obra central para os jovens gramáticos³⁰. Dessa forma, é plausível que o livro tenha circulado pela academia alemã pelo menos de maneira indireta através dos professores de linguística e filologias modernas³¹.

29 “Será que Paul se vê, tanto quanto nós outros, forçado a separar, isto é, a abstrair os fenômenos em grupos, apenas a partir de outras médias? Ou quando ele, na p. 40, diferencia primeiro os movimentos dos órgãos da fala, depois as sensações de movimentos, então as impressões tonais, e por fim as imagens mnêmicas, não seria isso também abstração e, de fato, uma muito mais incolor do que quando se fala de sons guturais, dentais e labiais?”

30 Chen (2018, p. 323) menciona que Paul e Osthoff usam o texto como referência teórica em artigos, e, posteriormente (p. 326-327), que tanto Brugmann quanto Saussure também pretendiam publicar resenhas do livro, algo que não se efetivou, mas que foi expressado em correspondências. Chen também se refere (p. 326) a uma carta de Sievers para Paul que alude às desavenças entre Paul e Scherer, deixando claro seu posicionamento a favor de Paul.

31 Entre os professores universitários do início da década de 1880 estavam o próprio Hermann Paul (Freiburg desde 1874); Karl Brugmann (Leipzig a partir de 1882 e Freiburg a partir de 1884); Hermann Osthoff (Heidelberg desde 1877); August Leskien (Jena desde 1868); Berthold Delbrück (Jena desde 1870); Eduard Sievers (Jena desde 1871 e Tübingen a partir de 1883); Wilhelm Braune (Gießen desde 1877); Heinrich Hübschmann (Straßburg desde 1877). Todos esses nomes estão associados ao grupo dos jovens gramáticos.

Tendo em vista que a inclusão do princípio da analogia no núcleo duro do programa de pesquisa concedeu aos jovens gramáticos uma ferramenta de análise das mudanças ocasionadas no ato de fala, é necessário nos ocuparmos do papel desempenhado pelos fatores sociais da linguagem no programa.

A função social da linguagem nos estudos linguísticos do século XIX está intimamente atrelada ao uniformitarismo. Esse princípio, surgido na geologia, propõe que apenas nossos conhecimentos sobre os processos ocorridos no presente sejam aplicados ao estudo dos processos que se deram no passado. Atribui-se frequentemente a Whitney o feito de tê-lo introduzido na linguística. O contato de Whitney com o uniformitarismo se deu, provavelmente, por intermédio de Josiah Dwight Whitney (1819-1896), seu irmão mais velho, professor de geologia da Universidade de Harvard e membro da Geological Society of London. Dentro dos estudos geológicos britânicos, o uniformitarismo já era moeda corrente. Para William Dwight Whitney, cuja formação havia se dado nas universidades de língua inglesa, o uniformitarismo era muito mais condizente com o senso comum escocês do que com o idealismo alemão. Por sinal, apesar de Whitney ter sido o principal nome a defender esse princípio na linguística, ele já era bastante discutido nos estudos da linguagem britânicos por autores como John William Donaldson (1811-1861) e William Whewell (1794-1866)³². Whitney, porém, foi o autor mais recebido na academia alemã graças aos jovens gramáticos, que aderiram às suas ideias, e consequentemente teve seu nome mais consolidado, dado o caráter periférico das universidades britânicas na linguística comparativa.

Ao aceitarem o princípio uniformitarista como parte de sua base filosófica e metodológica³³, os linguistas da segunda metade do século XIX estão ainda mais distantes do organicismo. A ideia de decadência linguística, independente de quais causadores são levados em conta, é incompatível com esse princípio. O motivo é simples: como afirmar que as línguas modernas são menos perfeitas ou completas se os processos linguísticos que ocorrem no presente são os mesmos processos ocorridos no passado? Como seria possível, dentro da perspectiva uniformitarista, justificar as mudanças linguísticas em termos de empobrecimento, corrupção,

32 Para mais detalhes sobre a introdução do uniformitarismo à linguística antes das principais obras de Whitney, cf. Christy (1983, p. 11-25).

33 Sobre os atravessamentos do uniformitarismo entre os níveis filosófico e metodológico, cf. Hooykaas (1970).

degradação ou algo semelhante? Além disso, o uniformitarismo, ao se preocupar com o passado linguístico, aponta também para o estudo do presente. Se os processos linguísticos são os mesmos, então as línguas modernas passam a ser um objeto de estudo essencial³⁴.

A partir de William Whitney, além do uniformitarismo como base filosófica e metodológica, os jovens gramáticos também inserem em seu programa o papel desempenhado pelos fatores sociais na linguagem. Como vimos, a formação filosófica de Whitney se dá dentro do senso comum escocês. Nessa tradição encontramos o pressuposto de que as palavras são convenções arbitrárias para determinadas ideias, não existindo qualquer relação inerente entre elas – uma visão frontalmente oposta ao organicismo schleicheriano, já que a arbitrariedade linguística implicaria na não existência de qualquer essência da língua(gem). Diversas passagens de livros em inglês de lógica e retórica do final do século XVIII e do início do século XIX usados nas universidades britânicas e estadunidenses apontam para essa premissa, sendo até mesmo frequentemente formuladas de maneira semelhante:

Description, again, is the raising in the mind of the conception of an object by means of some arbitrary or instituted symbols, understood only by those who agree in the institution of them; such are words and writing. Words have no natural resemblance to the ideas or objects which they are employed to signify.³⁵ (Blair, 1787, p. 118)

The connexion between words and ideas may, in general, be considered as arbitrary and conventional, owing to the agreement of men among

34 Até que ponto o grupo se propôs efetivamente a realizar análises de processos de mudanças em andamento é algo que pode ser discutido. É seguro afirmar que circunstâncias materiais, como a inexistência de gravadores de sons satisfatórios para a pesquisa linguística antes da virada do século, tenham influência nisso. Amsterdamska (1987, p. 138-139) argumenta que os jovens gramáticos se estabeleceram na comunidade acadêmica em conjunto com filólogos de línguas modernas. Morpurgo Davis (1998, p. 272-273, nota 19), no entanto, questiona o uso da palavra “moderna”, já que a maior parte dos estudos e dos especialistas de “línguas modernas” eram, na verdade, medievalistas. Além disso, o interesse por línguas modernas é mais observável em outros recortes geográficos, como na Inglaterra, na França e na Itália, do que na Alemanha, onde o grupo atuou. Ainda assim, as duas autoras concordam que os jovens gramáticos estavam em consonância com o crescente interesse em línguas contemporâneas, que era compatível tanto com o uniformitarismo quanto com o princípio da analogia.

35 “A descrição, mais uma vez, é ou o despertar na mente a concepção de um objeto por meio de alguns símbolos arbitrários ou instituídos, entendidos apenas por aqueles que concordam em sua instituição; assim são as palavras e a escrita. As palavras não possuem semelhança natural com as ideias ou objetos aos quais elas são empregadas para significar.”

themselves; the clear proof of which is, that different nations have different Languages, or a different set of articulate sounds, which they have chosen for communicating their ideas.³⁶ (Blair, 1787, p. 123)

As to the second connexion, or that which subsisteth between words and things, it is obvious, as it hath been hinted formerly, that this is not a natural and necessary, but an artificial and arbitrary connexion. Nevertheless, though this connexion hath not its foundation in the nature of things, but in the conventions of men, its effect upon the mind is much the same.³⁷ (Campbell, 1850, p. 258)

Words possess no natural aptness to denote the particular things, to which they are applied, rather than others, but acquire this aptness wholly by convention. Had the connexion between the name and the thing been established by nature, there would have been but one language in the world.³⁸ (Hedge, 1833, p. 31)

Considerando as passagens acima, não é surpresa que a retomada de atenção para fatores sociais da linguagem, em especial o papel da convenção e da arbitrariedade dos signos linguísticos, viesse de um linguista formado fora da esfera de influência da academia alemã. O nome de Whitney ficaria atrelado na história da linguística à frase “língua(gem) como instituição social”, paráfrase de uma frase sua – “*Language is, in fact, an institution*”³⁹ (Whitney, 1884, p. 48).

Os escritos de Whitney que retomam esses pressupostos do senso comum escocês são valiosos para a linguística defendida pelos jovens gramáticos. Apesar de completamente destacada da linguística institucional alemã, a premissa de que os fatores sociais são decisivos na formação das línguas está em plena concordância com a elaboração de Paul sobre a analogia. Afinal, como dito anteriormente, para Paul é justamente a ratificação pela comunidade linguística que define as novas formas surgidas pelo processo analógico como parte de

36 “A conexão entre palavras e ideias pode, de modo geral, ser considerada arbitrária e convencional, devendo ao acordo dos homens entre si; a prova clara disso é que diferentes nações possuem Línguas diferentes, ou um conjunto diferente de sons articulados, que elas escolheram para comunicar suas ideias.”

37 “Quanto à segunda conexão, ou aquela que subsiste entre palavras e coisas, é óbvio, como já foi apontado anteriormente, que essa não é uma conexão natural e necessária, mas sim artificial e arbitrária. Ainda assim, apesar de essa conexão não ser fundamentada na natureza das coisas, e sim nas convenções humanas, seu efeito sobre a mente é o mesmo.”

38 “As palavras não possuem capacidade natural para denotar as coisas particulares às quais elas são aplicadas, não mais do que outras, mas adquirem tal capacidade completamente por convenção. Se a conexão entre o nome e a coisa fosse estabelecida pela natureza, haveria apenas uma língua no mundo.”

39 “A língua(gem) é, na verdade, uma instituição.”

determinada língua. A influência externa de Whitney, vinda de uma tradição de estudos da linguagem oposta à dos primeiros comparativistas, contribui, ao meu ver, para a autopercepção dos jovens gramáticos na direção da ruptura almejada.

O contato dos jovens gramáticos com a obra de Whitney se deu provavelmente por volta de 1876, ano em que August Leskien publica sua tradução da obra *The Life and Growth of Language* (1875). Alter (2005, p. 221) associa o conceito de analogia utilizado por Whitney ao uniformitarismo do qual era adepto. Koerner (2020, p. 79), no entanto, discorda parcialmente de Alter em sua afirmação de que foi a partir da tradução do livro de Whitney que Leskien teria entrado em contato com o princípio da analogia. Apesar de provável que a presença desse conceito no livro tenha influenciado Leskien e, conseqüentemente, os jovens gramáticos, Leskien conheceria, segundo Koerner, a ideia de formação analógica por ter sido aluno de Schleicher mais de uma década antes⁴⁰. Além disso, continua Koerner (p. 79-80), Brugmann e Osthoff não dão crédito nem a Leskien, nem a Whitney pelo conceito de analogia em seu manifesto.

É curioso que as profundas semelhanças entre William D. Whitney e Johan N. Madvig não fossem percebidas por Brugmann em sua resenha dos *Kleine philologische Schriften* (1875), uma antologia de textos de Madvig traduzidos do dinamarquês para o alemão. Não fui capaz de detectar, ao menos nos KPS, referência direta de Madvig ao debate uniformitarista, que teve seu auge a partir da década de 1830 com a publicação de *Principles of Geology* (1830-1833) de Charles Lyell. Também não encontrei neles menções à psicologia herbartiana. Ainda assim, como apontam Nerlich e Clarke (1996, p. 148), é provável que Madvig tivesse algum contato indireto com esta em decorrência da influência que ela exerceria na ciência do período, o que explicaria em algum nível a semelhança entre suas ideias e as de Whitney.

Madvig, assim como Herbart e Whitney, se opunha ferozmente ao idealismo alemão. Em especial a relação intrínseca entre som e significado defendida pela linguística idealista o enraivecia. Da mesma forma que vimos em Whitney, Madvig

40 Como dito anteriormente, o conceito de analogia é amplamente utilizado por Schleicher ao longo de suas obras. Koerner (2020, p. 85-87) fornece uma boa síntese de como o conceito aparece no livro de Schleicher *Die Deutsche Sprache* (1860).

defende que essa relação não é natural, e sim acidentalmente construída (Madvig, 1875, p. 331). Como consequência dessa crítica, Madvig também dispara (p. 342-355) contra a busca por sons originais que tinha como objetivo final compreender palavras ou formas morfológicas em suas supostas essências. Segundo ele, a verdadeira compreensão das palavras de uma língua não poderia de modo algum ser atingida por meio da etimologia, uma vez que o significado é dado por como aquela palavra é usada atualmente. Aqui, Madvig aponta para uma característica essencial de sua obra: a defesa do estudo da linguagem tal como ela é utilizada pelos falantes, a partir dos fatores sociais, e não a partir da história das línguas ou das mudanças sonoras.

Estudos como os da linguística comparativa eram considerados por Madvig importantes – “*Die Erforschung der Lautgesetze der einzelnen Sprachen hat (...) ihre grosse Bedeutung*”⁴¹ (Madvig, 1875, p. 201) –, mas algo secundário dentro do que deveriam ser os estudos da linguagem. Para ele (ibid.), a cientificidade da linguística estaria na análise completa do sistema da linguagem tal como ela é utilizada na fala. Mais do que buscar as leis sonoras, Madvig defende ser necessário buscar também as leis sintáticas “em toda sua flexibilidade”, assim como os demais fatores que constroem a fala [Rede] de modo compreensível.

Percebe-se facilmente que Madvig está muito mais próximo de Whitney e dos jovens gramáticos do que de Schleicher, Curtius e os demais comparativistas. Além de criticar o programa de pesquisa comparativista, Madvig também critica diretamente o conceito de linguagem como um produto natural elaborado por Curtius (Madvig, 1875, p. 327). Aqui, no âmbito da linguística generalista, e não no da filologia clássica ou da linguística comparativa, Curtius recebe de forma positiva as críticas do dinamarquês, ainda que não ceda completamente a elas (cf. Hauger, 1989, p. 324-326), e associa as ideias do dinamarquês às de Whitney:

Der „Subjecte“ in der Sprachentwicklung nimmt sich mit derben Worten gegen das im Text gesagte Madvig an in seinem „Kleinen philologischen Schriften“ S. 327, **indem er ähnlich wie Whitney betont**, dass „Menschen“ die Sprache erschaffen hätten.⁴² (Curtius, 1879, p. 17, grifo meu).

41 “A pesquisa sobre as leis sonoras de línguas individuais tem (...) sua grande importância.”

Ainda assim, como dito anteriormente, enquanto os escritos de Whitney foram amplamente aceitos e difundidos na linguística alemã por meio da tradução de Leskien e das referências feitas a eles pelos jovens gramáticos, Madvig foi criticado por Brugmann tão logo havia publicado seus textos em alemão. Em sua resenha, Brugmann (1876c, p. 115) presume que Madvig não estaria familiarizado com o estado da arte da linguística realizada na Alemanha. Somente isso, para o (futuro) jovem gramático, explicaria suas críticas ao método comparativo. O tom condescendente e quase territorialista de Brugmann, no entanto, desaparece ao tratar da obra de Whitney, que é considerado pelos jovens gramáticos de modo geral como uma de suas principais influências.

Outra resenha, feita pelo filólogo Gustav Becker, surge na *Jenaer Literaturzeitung* em 1875. Para Becker, a publicação de Madvig se dá por um motivo claro: defender suas ideias como originais, uma vez que dois livros com ideias semelhantes haviam surgido desde as publicações originais de seus textos, a saber o *Lectures on Language*, de Whitney, e o *Mikrokosmos*, do filósofo Hermann Lotze (1817-1881) (Becker, 1877, p. 157). Becker não desenvolve muitos comentários sobre as discussões de teoria linguística de Madvig, limitando-se a fazer uma pequena síntese ou enumeração de alguns capítulos. Parece claro que o interesse de Becker é nas contribuições de Madvig para a filologia clássica, mencionando inclusive (p. 156) que os KPS chegam à Alemanha após Madvig já ter publicado no país trabalhos na área da filologia. “É de particular interesse o quinto tratado”, diz Becker (1877, p. 157), “que ao mesmo tempo realiza a transição para os tratados de fato filológicos”⁴³. É nessa seção, que pouco teria para agregar à nossa discussão, que Becker desenvolve maiores comentários sobre o livro de Madvig.

O papel desempenhado pela psicologia também é diferente entre os primeiros comparativistas e os jovens gramáticos. Em primeiro lugar, é necessário ressaltar que ainda que a psicologia herbartiana já existisse e se fizesse presente na

42 “O “sujeito” no desenvolvimento da língua(gem) assume com palavras duras contrariamente ao que Madvig disse no texto em seus “Kleinen philologischen Schriften” p. 327, **no qual ele enfatiza, semelhantemente a Whitney**, que os “humanos” teriam criado a língua(gem).”

43 “Besonderes Interesse erregt die fünfte Abhandlung, welche zugleich den Uebergang zu den eigentlich philologischen Abhandlungen bildet.”

primeira metade do século XIX, ela ainda tinha laços muito estreitos com a filosofia, e não havia se estabelecido enquanto uma ciência. Lazarus e Steinthal (1860, p. 69), na introdução à primeira edição da revista *Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft*, tentam desatar um pouco esses laços. De acordo com os autores, a psicologia em si não seria necessariamente uma ciência filosófica, não menos do que as ciências da natureza, pois ela também poderia ter bases empíricas. Como já vimos, a associação da psicologia com a filosofia rendeu aos estudos linguísticos baseados nessa área a pecha de metafísicos, obscuros, abstratos, etc. Lazarus e Steinthal se defendem dessas acusações ao afirmarem que a psicologia pode, assim como a física, não se envolver com questões metafísicas ligadas à alma:

Was nun aber zweitens das rationale Wesen der Psychologie betrifft, so können wir auch hier noch die eigentlich metaphysischen fragen über das Wesen der Seele völlig unberührt lassen. So wenig der Physiker sich in das metaphysische Problem der Bewegung, der Kraft, zu vertiefen nöthig hat: so wenig braucht es der Psycholog.⁴⁴ (Lazarus e Steinthal, 1860, p. 69)

Mas por que a *Völkerpsychologie* se preocupava tanto com a visão de mundo de cada povo? Qual seria a relação para essa disciplina entre a língua(gem) e esse objeto de estudo? A relação que Steinthal estabelece entre a lógica e a língua(gem) não é apriorística, nem apenas uma forma de análise das regras do pensamento. Para o autor, a lógica nos permite remontar ao processo de produção dos objetos na natureza. Ele defende (Steinthal, 1871, p. 12) que nossa compreensão do mundo é a posteriori, uma vez que nós aprendemos a entendê-lo através de mediações e associações. Essa forma de construir a compreensão do mundo seria análoga à forma como a natureza se configura, isto é, por meio de relações lógicas (ibid., p. 69-70). No entanto, enquanto a natureza só responderia às leis naturais – objeto de estudo das ciências da natureza –, a língua(gem) estaria ao mesmo tempo obedecendo às leis naturais e às criações causadas pela ação do

44 “Em segundo lugar, a respeito da natureza racional da psicologia, podemos deixar as questões realmente metafísicas sobre a natureza da alma completamente intocadas. Assim como o físico pouco precisa adentrar no problema metafísico do movimento, da força, o psicólogo também pouco precisa.”

espírito [Geist]. O que regeria o espírito não seriam as leis naturais, mas sim o desenvolvimento e o progresso (*“Der Fortschritt gehört so sehr zur Natur des Geistes, daß eben deshalb der Geist nicht zur Natur gehört”*⁴⁵ (Lazarus e Steinthal, 1860, p. 17)).

Era necessária a criação, portanto, de uma disciplina que investigasse o espírito partindo dessa conflituosa relação entre natureza e humanidade. O nome dado, *Völkerpsychologie*, se referia ao estudo do espírito não no nível individual, mas sim coletivo. Apesar disso, a concepção de Steinthal e de Lazarus sobre a sociabilidade do ser humano era peculiar: o contato de um membro com sua comunidade moldaria a forma como sua mente se desenvolveria. Afinal de contas, a compreensão do mundo se daria por meio de relações estabelecidas dentro do sistema utilizado pela comunidade na qual o indivíduo é criado. Trata-se sempre de uma interação entre o membro e a comunidade na qual a comunidade assume um papel sobressalente e que tem como resultado o progresso mental do indivíduo. A língua(gem) seria especialmente cara à *Völkerpsychologie* por ser um registro do desenvolvimento pelo qual determinado povo teria passado, dadas as alterações no nível semântico:

Wenn die Geschichte vorzugsweise Geschichte des Selbstbewusstseins ist, so ist die Sprache ein vorzüglich historisches Wesen; denn (man denke an die Entwicklung der Wortbedeutungen!) in ihr lagern sich die Ergebnisse der geschichtlichen Denkprocesse ab, welche sich innerhalb eines Volkes vollziehen. Sie ist das deutlichste und allgemeinste Mittel, die Erwerbungen der Vergangenheit den Genossen der Gegenwart verdichtet zu überliefern.⁴⁶ (Steinthal, 1864, p. 45)

Percebe-se que a *Völkerpsychologie* é uma disciplina essencialmente romântica, em alguns aspectos muito semelhante ao que encontramos nos primeiros

45 “O progresso pertence tanto à natureza do espírito que exatamente por isso o espírito não pertence à natureza.”

46 “Se a história é principalmente a história do autoconhecimento, então a língua(gem) é um ser principalmente histórico; pois (pensemos no desenvolvimento dos significados das palavras!) nela depositam-se os resultados dos processos mentais históricos que se realizam dentro de um povo. Ela é o meio mais evidente e geral de transmitir condensadamente as aquisições do passado aos companheiros do presente.”

comparativistas. No entanto, o estudo do espírito com base em uma nova ciência, a psicologia, e a ideia de progresso do espírito em vez de decadência davam uma nova roupagem à proposta de Lazarus e Steinthal. Ainda assim, justamente a interdisciplinaridade da *Völkerpsychologie* atribuía à linguística e à filologia um caráter de ciência auxiliar, uma vez que a língua(gem), apesar de essencial para a compreensão do espírito de um povo, não era suficiente para as conclusões a que a disciplina almejava chegar. Mesmo porque o estudo da língua(gem) em si já enfrentava diversos empecilhos, como aponta Egbert Klautke:

There was no general agreement on what constituted a 'language' in the first place. Moreover, different nations used the same language, and some nations such as Switzerland used more than one language. Similarly, 'common descent' could not define a nation since all nations were ethnically mixed. As a solution, Lazarus and Steinthal introduced a voluntaristic definition of the nation: the folk was the product of the will of its members to form a folk, and hence the result of a conscious and deliberate decision. A *Volk* depended on the subjective view of its members of their equality and unity. Despite their subjective origins, nations were no imaginations, but realities, and could be found as facts throughout history. But the folk was a mental product of the individuals who belonged to it and was thus endlessly recreated. It was the 'first product of the folk spirit'. Lazarus and Steinthal thus introduced a notion of the 'folk' that came close to modern constructivist theories of nations and nationalism.⁴⁷ (Klautke, 2019, p. 247)⁴⁸

Quando Paul entra em contato com os trabalhos de Steinthal, ele encontra uma teoria da psicologia capaz de fornecer explicações para as formações analógicas. No entanto, o jovem gramático não concorda inteiramente com a

47 "Não havia consenso geral sobre o que constituía uma 'língua(gem)' em primeiro lugar. Além disso, diferentes nações usavam a mesma língua, e algumas nações como a Suíça usavam mais de uma língua. Semelhantemente, 'ascendência comum' não podia definir uma nação, já que todas as nações eram etnicamente misturadas. Como solução, Lazarus e Steinthal introduziram uma definição voluntarística de nação: o povo era o produto da vontade de seus membros para formar um povo, e conseqüentemente o resultado de uma decisão consciente e deliberada. Um *Volk* dependia da visão subjetiva de seus membros sobre sua igualdade e unidade. Apesar de suas origens subjetivas, nações não eram imaginações, mas realidades, e podiam ser encontradas como fatos ao longo da história. Mas o povo era um produto mental dos indivíduos que pertenciam a ele e era, portanto, infinitamente recriado. Esse era o 'primeiro produto do espírito do povo'. Lazarus e Steinthal, assim, introduziram uma noção de 'povo' que se aproximou das teorias construtivistas modernas de nações e nacionalismo."

48 Essa nova definição estava intimamente entrelaçada à condição de Steinthal e Lazarus na sociedade alemã – observamos aqui, um exemplo de não neutralidade, conforme a formulação de Lacey (2008) –, sendo ambos judeus alemães reformistas num contexto de forte antissemitismo. Para mais detalhes sobre a relação entre Steinthal, Lazarus, a *Völkerpsychologie* e os judeus alemães no século XIX, cf. Mukai (2007; 2012).

abordagem da Völkerpsychologie, ainda que tenha pontos de partidas que se aproximam, como o uso dos estudos psicológicos como base explicativa para certos fenômenos linguísticos. Paul (1880, p. 10-12) reconhece o mérito de Steinthal e de Lazarus na proposição da nova disciplina, mas recusa alguns de seus pressupostos, em especial o foco dela numa suposta psicologia coletiva. Segundo Paul, a psicologia nunca havia se preocupado com uma formação concreta de uma mente humana coletiva, apenas com a natureza geral de processos mentais. O que Lazarus e Steinthal haviam concebido era, segundo Paul, nada menos do que uma história cultural ou filologia com bases psicológicas (ibid., p. 12). A crítica de Paul segue com uma breve reflexão sobre seus planos (e dos jovens gramáticos, indiretamente) para a linguística, revelando a já mencionada influência positivista que propunha a imparcialidade da ciência e a recusa de abstrações. Optei, aqui, por fazer uma citação mais longa uma vez que ela se relaciona diretamente com diversos pontos já mencionados acerca do programa dos jovens gramáticos e os debates sobre ciência na segunda metade do século XIX:

Alle psychischen processe vollziehen sich in den einzelgeistern und nirgends sonst. Weder volksgeist noch elemente des volksgeistes wie kunst, religion etc. haben eine concrete existenz und folglich kann auch nichts in ihnen und zwischen ihnen vorgehen. Daher weg mit diesen abstractionen. Denn 'weg mit allen abstractionen' muss für uns das losungswort sein, wenn wir irgendwo die factoren des wirklichen geschehens zu bestimmen versuchen wollen.

Ich will den verfassern keinen grossen vorwurf machen wegen eines fehlers, dem man in der wissenschaft noch auf schritt und tritt begegnet, und vor dem sich der umsichtigste und am tiefsten eindringende nicht immer bewahrt. (...) Die unbewusst realisten sind bei uns noch lange nicht ausgestorben, nicht einmal unter den naturforschern. Und vollends unter den culturforschern treiben sie ihr wesen recht munter fort, und darunter namentlich diejenige classe, welche es allen übrigen zuvorzutun wähnt, wenn sie nur in Darwinistischen gleichnissen redet. (...) Wer nicht die nötige gedankenanstrengung anwendet um sich von der herrschaft des wortes zu befreien, wird sich niemals zu einer unbefangenen anschauung der dinge aufschwingen. Die psychologie ward zur wissenschaft in dem augenblicke, wo sie die abstractionen der seelenvermögen nicht mehr als etwas reelles anerkannte. So wird es vielleicht noch auf manche gebieten gelingen bedeutendes zu gewinnen lediglich durch beseitigung der zu realitäten gestempelten abstractionen, die sich störend zwischen das auge des beobachters und die concreten erscheinungen stellen.

Diese bemerkungen bitte ich nicht als eine blosse abschweifung zu betrachten. Sie deuten auf das, was wir selbst im folgenden rücksichtlich der

sprachentwicklung zu beobachten haben, was dagegen die darstellung von Lazarus-Steinthal gar nicht als etwas zu leistendes erkennen lässt.⁴⁹ (Paul, 1880, p. 13-14)

A presença dos fatores psicológicos dentro do programa dos jovens gramáticos também traz outras consequências teóricas. Segundo o princípio uniformitarista, os processos mentais aos quais o ser humano é submetido seriam os mesmos ao longo da história. Desse modo, assim como para o princípio das leis sonoras, a analogia estaria presente ao longo de toda a história da linguagem. O estudo das relações mentais estabelecidas em falantes contemporâneos seria útil para que a linguística entendesse, também, as relações estabelecidas no passado – tal como Steinthal havia formulado. A presença ao longo da história tanto das mudanças por leis sonoras quanto das mudanças analógicas justificava a importância equivalente dos dois princípios para os jovens gramáticos.

Além disso, a recusa da perspectiva coletivista da Völkerpsychologie também resultava em uma individualização da língua(gem), gerando uma interpretação para a variedade linguística. Como explicar, então, a existência de uma norma padrão? Paul justifica esse fenômeno pelo fator social da língua(gem). Ao se comunicarem, os indivíduos são submetidos à influência de suas comunidades, o que regulará a variedade falada a fim de permitir a compreensão mútua. Isso é

49 “Todos os processos psíquicos se realizam nos espíritos individuais e em nenhum outro lugar. Nem o espírito do povo, nem elementos do espírito do povo, como arte, religião, etc. têm uma existência concreta e conseqüentemente nada pode acontecer neles ou em torno deles. Então, chega dessas abstrações. Pois ‘chega de todas as abstrações’ deve ser nossa palavra de ordem, se quisermos tentar determinar em qualquer lugar os fatores dos fenômenos reais. Não quero fazer nenhuma grande culpabilização dos autores por causa de um erro que ainda encontramos na ciência aqui e ali, e o qual nem mesmo aquele mais prudente e que mais se aprofunda é capaz de sempre perceber. (...) Os realistas inconscientes estão longe de estarem extintos entre nós, mesmo entre os cientistas da natureza. E especialmente entre os pesquisadores culturais eles avançam de maneira vivaz, e entre eles especificamente a classe que se considera à frente de todos os outros quando elas apenas falam de maneira darwinística. (...) Quem não usa o esforço mental necessário para se livrar da dominância das palavras nunca alcançará a visão imparcial das coisas. A psicologia se tornou uma ciência a partir do momento em que não reconhecia mais as abstrações das faculdades mentais como algo real. Então, talvez ainda será possível em algumas áreas conseguir algo significativo apenas por meio da eliminação de abstrações estampadas como coisas reais que se colocam de modo disruptivo entre o olho do observador e os fenômenos concretos. Peço que não considerem essas considerações como uma mera digressão. Elas apontam para aquilo que nós mesmos temos que observar no futuro com relação ao passado do desenvolvimento linguístico, o que, de modo contrário, a apresentação de Lazarus-Steinthal não sugere como algo a ser alcançado.”

possível dado o pressuposto de que os processos psicológicos são idealmente os mesmos para todos os seres humanos. Em edições posteriores dos PDS, encontramos um reforço da importância dada pelos jovens gramáticos tanto ao *Sprachusus*, isto é, a norma estabelecida pela comunidade, e a variante individual:

Es ergibt sich demnach, dass sich die ganze Prinzipienlehre der Sprachgeschichte um die Frage konzentriert: wie verhält sich der Sprachusus zur individuellen Sprechfähigkeit? wie wird diese durch jenen bestimmt und wie wirkt sie umgekehrt auf ihn zurück?⁵⁰ (Paul, 1920, p. 33)

50 “Segue-se que toda a teoria dos princípios da história da língua(gem) se concentra em torno da seguinte pergunta: como o *Sprachusus* se comporta em relação à atividade linguística individual? Como esta é determinada por aquele e como ela, por sua vez, o afeta de volta?”

4 O PAPEL INSTITUCIONAL PARA O PROGRAMA

O principal argumento em favor da leitura de que a ruptura dos jovens gramáticos foi em essência social, e não baseada em critérios cognitivos, é a tentativa dessa geração de cientistas de se estabelecer como autoridades acadêmicas. Isso se deu em um contexto de constante expansão da linguística institucionalizada na Alemanha. Como se deu esse processo?

Na primeira geração de comparativistas, a linguística ainda não havia se separado completamente da filologia. A maior parte dos cargos que interessariam aos comparativistas era de “filologia oriental”, que englobaria o sânscrito, ou de “filologia germânica”, dedicada às línguas e literaturas germânicas. A primeira cadeira de linguística comparativa é criada em 1821 e ocupada por Franz Bopp. De forma similar, August Pott assume em 1833 em Halle um posto raro de professor de linguística indo-europeia. Os demais professores reconhecidos como professores da nova disciplina – mesmo August Schleicher – exerciam cargos mistos de professores de linguística e filologia, fosse germânica, sânscrita ou, de forma mais rara, clássica. (Amsterdamska, 1987, p. 86-87)

Com o crescente estudo das línguas indo-europeias e o reconhecimento de outros grupos linguísticos como parte constituinte dessa família, o interesse por línguas ditas modernas – o que significava na maioria das vezes línguas registradas desde a idade média, como o antigo eslavo eclesiástico, o armênio, o albanês, as línguas célticas, etc. – fez com que outras filologias fossem inseridas nos currículos universitários. Estudos sobre as línguas românicas, célticas e eslavas se tornaram cada vez mais frequentes, ainda que até a década de 1850 postos específicos para essas áreas fossem incomuns⁵¹. Para além das cadeiras de filologia sânscrita, filologia germânica, filologia clássica e filologia inglesa, os demais postos se restringiam a línguas não indo-europeias, como o árabe e o hebraico.

51 Podemos nomear duas exceções importantes: Friedrich Diez (1794-1876), pesquisador das línguas românicas que trabalhou como leitor de italiano, espanhol e português na Universidade de Bonn entre 1822-1823 e como professor e leitor de “línguas europeias do sudoeste” a partir de 1823; e Ernst Ludwig Blanc (1771-1866), que recebeu na Universidade de Halle em 1822 o cargo de professor de “línguas românicas do sul” e em 1833 se tornou professor de línguas românicas e suas respectivas literaturas.

Dois fatores principais complicavam, até a década de 1860, a expansão da linguística no cenário acadêmico. O primeiro deles era o alto grau de entrelaçamento (e até certo ponto de dependência) entre a pesquisa linguística comparativista e a disciplina da filologia. O segundo era a tradição de se ter apenas um cargo para cada área. Esses fatores estavam conectados. A relação entre os linguistas e filólogos era volátil, como nos mostra Amsterdamska (1987, em especial o capítulo 3). A autora aponta que os linguistas optaram por uma tática de “infiltração”: ao assumirem cadeiras de filologia, os comparativistas podiam exercer suas pesquisas com estabilidade acadêmica ao mesmo tempo em que atraíam alunos da filologia para a nova disciplina. No entanto, muitos classicistas se opuseram à associação entre as duas áreas. A filologia clássica nesse período era uma disciplina central nas instituições alemãs e constituíam a maior parte das cadeiras voltadas para estudos de línguas⁵². Amsterdamska (1987, p. 80) comenta que os classicistas estavam divididos quanto aos rumos que a filologia clássica deveria tomar: parte do grupo buscava uma nova formulação da área, uma que defendesse seu caráter científico, e esse grupo enxergava a linguística comparativa como uma ferramenta de justificação para esse interesse; outro grupo, no entanto, entendia que a filologia clássica deveria manter seus moldes já definidos, independente de outras áreas, tendo como objeto de estudo a literatura e as línguas grega e latina tal como se encontravam nela. Essas discussões levaram a uma marginalização dos comparativistas por parte do último grupo. Curtius – que apesar de sua ligação íntima com os comparativistas era professor de filologia clássica – serviu como uma espécie de porta-voz da nova disciplina, defendendo a integração das duas áreas.

De certo modo, a partir dos esforços de Curtius e outros classicistas⁵³, tanto a linguística comparativa quanto as filologias modernas (que estavam

52 Em 1864, de um total de 88 cadeiras de filologia nas universidades alemãs, 43 eram de filologia clássica. Em 1880 a proporção havia diminuído, mas a área continuaria sendo a maior, com 56 cadeiras de um total de 138. (Amsterdamska, 1987, p. 131)

53 A função de Curtius neste contexto pode ser entendida, dentro do modelo de Murray (1994), como uma “liderança organizacional” [*organizational leadership*], considerando seu papel como mediador entre os filólogos das letras clássicas e os linguistas comparativistas. Como aponta Murray (ibid., p. 23), “o líder organizacional não precisa ser um pesquisador ativo, nem mesmo um cientista profissional. Ele ou ela pode ser, em vez disso, um mecenas ou um funcionário que promove uma linha de trabalho específica”. Talvez o mesmo possa ser dito de Max Müller, considerando seu trabalho de defensor da linguística comparativa na Inglaterra, ainda que seu trabalho tenha sido mais prolífico em outras áreas, como a linguística generalista e as ciências da religião. Enquanto isso, quem estaria mais próximo de uma liderança intelectual, isto é, a pessoa responsável por estabelecer uma base sólida para a pesquisa e atuar ativamente na investigação dos fenômenos, seria efetivamente August Schleicher.

extensivamente associadas à indo-europeística) se tornaram cada vez mais presentes nas universidades alemãs. Amsterdamska (1987, p. 132) aponta que na década de 1870 a filologia germânica tinha se tornado indispensável para o currículo universitário do país, com algumas universidades abrindo mais de um posto de professor na área. O mesmo aconteceria com a filologia românica, que, por volta de 1880, já havia se consolidado como uma área importante e poucas universidades não possuíam ao menos um professor especializado. Algumas universidades também passaram a ter cadeiras separadas para docentes de filologia inglesa e de filologia eslava, como Berlim e Leipzig, ainda que isso não fosse regra antes da década de 1880. As áreas de filologia sânscrita e de linguística comparativa foram as que mais cresceram junto à de filologia germânica e românica. Segundo Amsterdamska (ibid.), até 1880, apenas duas universidades não possuíam nem especialistas em sânscrito, nem em linguística comparativa – a saber, Freiburg, que contrataria Brugmann em 1884, e Gießen, que contrataria Peter von Bradke em 1886. Algumas universidades possuíam uma cadeira separada de linguística comparativa – como era o caso de Berlim desde a morte de Bopp, e de Straßburg –, enquanto em outras o cargo era em conjunto com alguma filologia.

Tabela 2: Cadeiras de filologia nas universidades alemãs (1864-1880)

	1864	1880	Aumento em %
Filologia românica	3	14	366%
Filologia inglesa	0	4	-
Filologia germânica	14	23	64%
Filologia eslava	1	2	100%
Filologia sânscrita e linguística comparativa	10	17	70%
Línguas não europeias, (exceto sânscrito)	17	22	29%
Filologia clássica	43	56	30%
Total	88	138	56%

Fonte: Amsterdamska (1987, p. 131)

Podemos observar o crescimento institucional dessas áreas também por meio das revistas publicadas na Alemanha no período. Esses dados contribuem para compreendermos a expansão de uma elite científica⁵⁴ nos estudos da linguagem. Como apontam Zuckerman e Merton (apud Amsterdamska, 1987, p. 133), os editores e pareceristas de revistas científicas são responsáveis por julgar quais contribuições são publicáveis ou não. A criação de novas revistas científicas em áreas antes pouco presentes na academia (como as filologias modernas nesse período) parece sugerir uma tentativa por parte de jovens estudiosos de fazerem parte dessa elite. Um exemplo emblemático é a *Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft*, editada por Heymann Steinthal e Moritz Lazarus a partir de 1860 como forma de disseminar os estudos englobados pela disciplina desenvolvida por eles.

Tabela 3: Número de periódicos de filologia publicados na Alemanha (1860-1880)

	1860	1870	1875	1880	Aumento em % (1860-1880)
Filologia clássica	5	7	13	14	180%
Filologia germânica	3	5	10	13	333%
Filologia inglesa, românica e eslava	2	2	2	9	350%
Filologia oriental	2	3	4	4	100%
Linguística	3	3	3	4	33%
Total	15	20	32	44	193%

Fonte: Amsterdamska (1987, p. 134)

Esse cenário de constante expansão dos estudos da linguagem em diversos níveis entre 1860 e 1880 (grande aumento do número de cargos de professores nas universidades, novos periódicos nas várias áreas englobadas, maior procura de treinamento em línguas para além do grego e do latim, incorporação da filologia moderna como base indispensável para os estudos de humanidades, etc.) leva

⁵⁴ O termo “elite científica” é bem sintetizado por Murray (1994, p. 24) e corresponde, aqui, aos modos (2) e (3) de sua explicação – respectivamente: um conjunto de cientistas treinados nas instituições mais prestigiadas; e locados nas instituições mais prestigiadas.

Amsterdamska (1987) a chamar o surgimento dos jovens gramáticos de uma “revolução de cima”. Usando a tática de infiltração descrita acima, os jovens gramáticos se estabeleceram nas cadeiras de filologia recém-criadas, tornando-se jovens professores com um número considerável de alunos à disposição para serem treinados dentro de seu programa. Além disso, o grupo também tinha acesso à ampla gama de áreas incluídas na filologia, o que garantia que essencialmente qualquer professor especializado em línguas (em especial as indo-europeias) pudesse contribuir em revistas, bem como ocupar cadeiras nas mais diversas universidades – algo que seria impossível com a estratégia de separação entre a linguística e filologia, levando em consideração a configuração de cargos na academia alemã.

Os jovens gramáticos constituíram, portanto, uma nova elite científica nos estudos da linguagem. O grupo não apenas era mais numeroso, como também tinha conquistado postos nas universidades muito mais rápido do que a geração anterior havia feito⁵⁵.⁵⁶ Em diversos momentos, como na polêmica entre Brugmann e Curtius em 1876 e na publicação das *Investigações Morfológicas* em 1878, encontramos explicitações de ruptura com os antecessores do grupo.

Koerner (1989g, p. 82) comenta a interpretação que Delbrück (1880, p. 40-54) nos fornece dos estudos da linguagem concebidos por Schleicher. Koerner parece indicar que a imagem criada por Delbrück de Schleicher é a de um seguidor de Bopp, e que nos momentos em que ele não o era, faltava-lhe o “brilho demonstrado pelos jovens gramáticos” (Koerner, 1989g, p. 82). Além disso, o autor também critica a classificação que Delbrück faz de Schleicher como um filólogo. Koerner defende que Schleicher se descrevia como um glotólogo⁵⁷, ou seja, um

55 Como aponta Amsterdamska (1987, p. 128), a média de idade dos jovens gramáticos ao atingirem um cargo de professor era de 31 anos, abaixo da média geral de humanidades (34.9 anos). Além disso, apenas dois dos jovens gramáticos tinham mais de 30 anos quando se tornaram professores (Karl Brugmann tinha 35 anos e August Leskien tinha 36). Segundo Amsterdamska (ibid., p. 129), os jovens gramáticos se formavam mais cedo, levavam menos tempo para se tornarem professores e chegavam aos cargos mais altos da hierarquia universitária em uma idade menor do que a média da época.

56 Murray (1994, p. 24) comenta sobre a ‘idade profissional’ [*professional age*] como um dos fatores relevantes para as relações estabelecidas pela comunidade científica. A rápida ascensão dos jovens gramáticos a postos de prestígio se provou efetiva não só para a retórica de serem uma vanguarda das ciências da linguagem, mas também para que se estabelecessem desde cedo as lideranças organizacionais – antes mesmo do VMU, já eram professores universitários: Paul, Osthoff, Leskien, Delbrück, Sievers, Braune e Hübschmann.

57 O termo utilizado por Schleicher para a sua abordagem linguística era *Glottik* [glótica].

cientista da linguagem, uma vez que a filologia se ocuparia meramente da história das línguas na medida em que ela refletisse o desenvolvimento de um povo.

Os pontos levantados por Koerner são relevantes e corretos. No entanto, é importante entender o que está por trás da interpretação que Delbrück faz de Schleicher. Boa parte da seção dedicada a Schleicher se preocupa em demonstrar em que medida a busca de Schleicher por uma ciência da linguagem baseada nas ciências naturais não é atingida. O que parece estar em jogo para Delbrück é mostrar o quanto a abordagem schleicheriana, por mais que se apresentasse como uma ciência natural, ainda seguia a mesma tradição de seus antecessores, diferenciando-se no nível filosófico, chegando a novas conclusões e se debruçando sobre outro objetivo – a reconstrução das formas antigas indo-europeias –, mas mantendo-se essencialmente dentro do que já constituía os estudos da linguagem:

Somit komme ich zu dem Schluss, dass auch an diesem Punkte keine Entlehnung von der Naturwissenschaft her stattgefunden habe, und namentlich keine Übertragung der naturwissenschaftlichen Methode. Überhaupt scheint mir (...) der ganze Gedanke einer Übertragung der Methoden etwas wunderlich. Wie sollte es möglich sein, ein Verfahren, was sich der Eigenthümlichkeit eines bestimmten Objects angebildet hat, auf ein fremdes Object mit Nutzen anzuwenden? Auch Schleicher hat das nicht vermocht. Er ist, so wenig er selbst es Wort haben will, im Kern seines Wesens so gut wie Bopp und Grimm, Pott und Curtius – ein Philologe.⁵⁸ (Delbrück, 1880, p. 54)

A passagem final talvez fosse algo inaceitável para Schleicher, dado o seu esforço em diferenciar a filologia da glótica. No entanto, considerando a tática de infiltração dos jovens gramáticos, podemos entender essa passagem mais como uma aproximação da obra de Schleicher ao campo que os jovens gramáticos ocupavam do que um afastamento ou diminuição de seu trabalho como algo “meramente” filológico. Em última instância, a interpretação que Koerner tem desse

58 “Com isso chego à conclusão de que também nesse ponto não houve empréstimo da ciência da natureza, nem particularmente uma transferência de método científico. Parece-me de modo geral (...) que o pensamento de uma transferência de métodos é algo estranho. Como seria possível aplicar efetivamente algo que foi criado para as especificidades de certo objeto em um objeto estranho? Mesmo Schleicher não foi capaz de fazer isso. Ele é, por menos que ele queira essa palavra, no fundo de seu ser tanto quanto Bopp e Grimm, Pott e Curtius – um filólogo.”

trecho é enviesada pela lente de Schleicher, sem levar em consideração o que significava, para os jovens gramáticos, ser um filólogo, uma vez que para o grupo a linguística comparativa estaria, de fato, dentro de uma área maior chamada filologia.

Nesse ponto, me parece importante retomar os conceitos de neutralidade e imparcialidade como discutidos por Lacey (2008). A postura dos jovens gramáticos não é, de modo algum, uma postura neutra. Ao se estabelecerem na academia alemã, esse grupo de novos professores passou a jogar de acordo com as regras da elite científica para se validarem como sucessores da antiga geração de linguistas. Para tanto, se valeram de recursos das mais variadas naturezas: Brugmann aproveitou a confiança que Curtius depositou nele como editor da *Curtius Studien* para veicular suas novas interpretações sobre o protoindo-europeu; em diversas obras observamos uma tensão na forma como o grupo se refere aos trabalhos de Schleicher e de Curtius; a tática de infiltração na filologia parece ter sido escolhida mais por conveniência acadêmico-burocrática do que por fundamentações filosóficas ou teóricas compartilhadas com os filólogos. No entanto, nenhuma dessas estratégias empreendidas pelos jovens gramáticos é suficiente para defendermos que a escolha de suas teorias, metodologias e assunções filosóficas se deram de forma parcial.

Se partíssemos do pressuposto de que os jovens gramáticos escolheram suas bases com o objetivo claro de se estabelecerem na academia alemã e se tornarem referência nos estudos linguísticos, encontraríamos uma série de problemas. Deveríamos explicar, em termos de valores não cognitivos, isto é, em termos de valores sociais, a mudança do papel da analogia no projeto dos jovens gramáticos, a incorporação da psicologia experimental como ciência auxiliar, a recusa das ciências naturais como modelo para a linguística, a volta para os estudos das línguas modernas como forma de compreender também as línguas antigas, o abandono da metáfora organicista, etc. Além disso, deveríamos também tentar compreender por que as propostas e conclusões dos jovens gramáticos foram amplamente aceitas e discutidas de forma séria entre os linguistas e filólogos do período se elas não manifestassem um alto grau de valores cognitivos. Seria possível que as mudanças institucionais pelas quais as universidades alemãs passaram na segunda metade do século XIX fossem o suficiente para que essas

mudanças filosóficas, teóricas e metodológicas fossem adotadas e discutidas por razões sociais, ideológicas, ou algo semelhante?

Parece-me que o período de recorte deste trabalho exemplifica bem a importância da separação entre a neutralidade e a imparcialidade na ciência. Os jovens gramáticos foram responsáveis, assim vejo, por mudanças nos estudos da linguagem do século XIX em relação aos seus antecessores. Os motivos para que elas fossem defendidas pelo grupo foram, essencialmente, baseados em valores cognitivos. No entanto, o grupo se valeu de diversas estratégias sociais para que elas fossem difundidas na área, o que torna impossível a defesa da neutralidade do grupo. Desse modo, podemos concluir também que não só os jovens gramáticos foram responsáveis por uma ruptura nos estudos linguísticos de seu tempo, como também que essa ruptura se deu tanto no nível cognitivo quanto no nível social.

5 O MODELO LAKATOSIANO APLICADO

Este capítulo será dedicado à elaboração do programa de pesquisa empreendido pelos jovens gramáticos à luz do modelo de Lakatos (1970). De certo modo, a maior parte da discussão sobre a cientificidade do programa foi realizada no capítulo 3. Trata-se aqui de sistematizá-las no modelo lakatosiano.

Como vimos anteriormente (cf. Figura 2), os programas de pesquisa científica possuem uma estrutura que pode ser graficamente representada. O núcleo duro, correspondente às crenças e hipóteses não falseáveis, é envolto pelas hipóteses auxiliares, que servem tanto para proteger o núcleo duro quanto para ajudá-lo a solucionar satisfatoriamente os problemas encontrados pelos cientistas. Além disso, a heurística positiva recomendará os caminhos a serem trilhados pelos adeptos do programa, enquanto a heurística negativa fará o contrário, ambas agindo com o propósito de tornar o programa o mais produtivo possível.

Para que seja possível observarmos de modo mais evidente as mudanças concretizadas pelos jovens gramáticos, recorro ao que propus em outra oportunidade (Bernardes, 2021, p. 122) com relação ao programa schleicheriano – considerando principalmente, mas não apenas, o trabalho de August Schleicher. Nele, proponho⁵⁹ que o núcleo duro seja composto pela teoria da aglutinação e pela teoria das flexões internas⁶⁰, propostas no início do século pelos primeiros comparativistas; pelo princípio das leis sonoras, que ditaria a metodologia da linguística comparativa; e pelo organicismo, que seria a base filosófica explicativa para as mudanças linguísticas. O cinturão protetor, por sua vez, seria constituído de três partes: as reconstruções das formas antigas, que estariam passíveis de readequação de acordo com os fenômenos observáveis e que protegeriam as duas

59 Minha leitura do programa schleicheriano é essencialmente uma síntese daquilo discutido por Amsterdamska (1987, p. 32-62). A leitura completa de seu programa só seria possível dentro de um recorte que englobasse outros dos trabalhos de Schleicher anteriores a 1861, além de ser necessário se debruçar sobre os trabalhos da primeira geração de comparativistas, como Franz Bopp, Jacob Grimm, e de outros linguistas e filólogos do início do século, como Wilhelm von Humboldt e os irmãos Schlegel. Tal trabalho, infelizmente, seria impossível de ser englobado satisfatoriamente nesta dissertação. Deste modo, não questiono a leitura de Amsterdamska sobre Schleicher e faço apenas a tarefa de transferir suas discussões para o modelo de Lakatos – o que, como mencionei no capítulo 2, me parece ser completamente possível.

60 Para uma explicação completa dessas teorias, incluindo os debates em torno delas e seu papel na obra de Schleicher, cf. Amsterdamska (1987).

teorias do núcleo duro; as ciências naturais, como a botânica, que serviriam como base para a explicação organicista – ainda que esta fosse essencialmente uma metáfora, tratava-se de uma metáfora inspirada na biologia –, para as explicações das evoluções e categorizações das línguas, como as árvores linguísticas; e o princípio da analogia, que complementaria o princípio das leis sonoras na medida em que fossem encontradas aparentes exceções a elas.



Figura 3: O programa de pesquisa científica schleicheriano

Os jovens gramáticos, como vimos, mantiveram pelo menos três elementos em comum com o programa schleicheriano. Em primeiro lugar, eles também compunham essencialmente a área da linguística comparativa, cujo foco era a reconstrução das formas antigas. Os primeiros embates dos jovens gramáticos – em especial Brugmann – com seus antecessores se dão justamente nesse âmbito,

como a polêmica dos artigos de 1876. As reconstruções permaneceriam como hipóteses auxiliares uma vez que novas análises poderiam gerar outros resultados. Além da reconstrução de protoformas, o princípio das leis sonoras permaneceu como horizonte metodológico da linguística proposta por eles, algo que não seria questionado por nenhum outro comparativista do período. Por fim, outro princípio já amplamente discutido do programa dos jovens gramáticos era o da analogia, que explicaria as mudanças linguísticas não motivadas pelas leis sonoras. No entanto, aqui surge a primeira divergência do programa dos jovens gramáticos: o princípio da analogia, antes apenas uma hipótese auxiliar que de certo modo protegia o princípio das leis sonoras, passa a integrar o núcleo duro. As mudanças por analogias, defenderiam os jovens gramáticos, eram tão importantes quanto as leis sonoras, sendo apenas ocasionadas por processos diferentes.



Figura 4: O programa dos jovens gramáticos (1)

Com o avanço de áreas da ciência como a fisiologia e a psicologia experimental, os jovens gramáticos também se valeram dos estudos nelas desenvolvidos para basear suas conclusões. As leis sonoras, regidas por leis físicas, seriam explicadas principalmente a partir da fisiologia. Sievers publica em 1876 seus *Grundzüge der Lautphysiologie zur Einführung in das Studium der Lautlehre der indogermanischen Sprache* [Fundamentos da fisiologia sonora para a introdução no estudo da doutrina dos sons das línguas indo-europeias], livro fundamental para a fonética no final do século XIX. Os GLP não seriam a única contribuição dos jovens gramáticos sobre a fonética articulatória e suas relações com as leis sonoras: os PDS de Paul também trariam importantes contribuições, e Osthoff (1879) tentaria propor uma relação entre as mudanças sonoras, os órgãos da fala e condições climáticas – algo que seria desconsiderado já no ano seguinte por Delbrück (1880) e Paul (1880). A psicologia, por sua vez, seria responsável por prover os fundamentos para a explicação das mudanças por analogia, entendidas pelos jovens gramáticos como resultado de processos mentais associativos. Apesar de isso já ser explícito no VMU, Paul (1880) seria o responsável por fornecer uma explicação sólida da analogia.



Figura 5: O programa dos jovens gramáticos (2)

Observamos, dessa forma, que o programa dos jovens gramáticos, apesar de se assemelhar ao schleicheriano em alguns pontos, não é o mesmo. Não apenas o princípio da analogia desempenha um papel diferente em cada programa, como também o avanço de outras áreas científicas tem impacto nas explicações tanto desse princípio quanto no das leis sonoras. As ciências naturais na forma da biologia evolucionista perdem boa parte da influência explícita que exerciam na linguística até a década de 1870, sendo substituídas pela fisiologia para a nova compreensão do funcionamento das leis sonoras. Os resultados atingidos pela psicologia experimental elevariam o grau de cientificidade do princípio da analogia – pelo menos para os jovens gramáticos.

Além desses aspectos visíveis na figura, podemos também falar das heurísticas. Como heurística positiva, os jovens gramáticos incorporaram o princípio uniformitarista, o que abriria espaço, por exemplo, para o fomento dos estudos das

línguas modernas, uma vez que os fenômenos observados nelas seriam os mesmos observados nas línguas antigas. Já como heurística negativa encontramos em diversos momentos a recusa de abstrações, aparentemente motivada pelo contexto histórico positivista no qual o programa se inseriu. Rechaçava-se qualquer elemento considerado “metafísico” ou “demasiadamente filosófico”, isto é, que não tinha compromisso evidente com a observação do mundo concreto. Nesse sentido, a metáfora organicista e ideias a ela relacionadas, como a de línguas mais ou menos completas, seriam abandonadas.

O modelo lakatosiano não engloba os fatores sociais do fazer científico, mas não é incompatível com eles. Observamos, no capítulo anterior, que as mudanças cognitivas propostas pelos jovens gramáticos não foram em si as únicas responsáveis pelo rompimento do grupo com os primeiros comparativistas, uma vez que o caráter propagandístico presente em muitos de seus textos cumpriam uma função específica dentro das instituições alemãs. Em um contexto de mudanças constantes nas universidades, o grupo se valeu de uma retórica de renovação da linguística como uma ciência jovem não apenas no sentido geracional, como também filosófico, teórico e metodológico. Ainda assim, apenas o caráter propagandístico desses escritos não é suficiente para explicar o embate por completo. Apenas uma análise com base na compreensão de cientificidade de cada grupo poderia gerar uma resposta satisfatória.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens gramáticos foram responsáveis por um novo programa de pesquisa científica dentro da linguística, ainda que inspirado em diversos aspectos por seus antecessores e contemporâneos. Constatamos que essas mudanças se deram nos níveis filosófico, teórico e metodológico, além de serem reforçadas no nível social por meio do discurso do grupo, que se vendeu como uma vanguarda científica. Observamos, também, que as convergências e divergências existem, como bem apontaram análises feitas por outros autores, mas que a existência delas por si só não é capaz de responder à pergunta “os jovens gramáticos constituíram, de fato, um rompimento com os primeiros comparativistas?” – ou, talvez colocando em termos menos kuhnianos e mais lakatosianos, “os jovens gramáticos constituíram, de fato, um programa de pesquisa diferente daquele dos primeiros comparativistas?”. Esta dissertação conclui que sim, o que é observável tanto no nível cognitivo, explicitado pela aplicação do modelo de Lakatos (1970) e pela terminologia de Lacey (2008), quanto no nível social, como já havia sido debatido ao longo das últimas décadas na sociologia da linguística e historiografia (da) linguística. A partir das considerações feitas na análise do nível social da linguística do período, conclui-se que é possível também sustentar a tese de que ao menos naquele momento esse campo apresentava uma ciência imparcial, ainda que não neutra – um cenário comum, como previsto por Lacey (2008).

Os resultados obtidos neste estudo parecem corroborar a possibilidade de aplicar o modelo lakatosiano à linguística dentro do período estudado. A conclusão à qual cheguei ao final do trabalho é a de que, em comparação com as análises de inspiração kuhniana, a terminologia de Imre Lakatos parece mais frutífera por abarcar os valores cognitivos em jogo na atividade científica. A explicitação de Lacey (2008) do que constituiria a cientificidade de acordo com o entendimento materialista foi uma ferramenta produtiva para reconsiderarmos algumas afirmações encontradas em estudos anteriores, como a de que a ruptura dos jovens gramáticos teria sido essencialmente social. No entanto, sabemos que muito ainda tem a ser feito para que o modelo de Lakatos e a tese do entendimento materialista se provem uma boa ferramenta de análise para a ciência da linguagem como um todo. Espero

que este trabalho instigue a sua aplicação a outros recortes dessa área do conhecimento. De mesmo modo, espero que esta dissertação também tenha fornecido um complemento satisfatório ao artigo de Leroux (2007), que me serviu de inspiração.

Acredito que não tenhamos esgotado a discussão sobre os jovens gramáticos e sua relação com seus antecessores. O recorte desta dissertação não engloba, por exemplo, a década de 1880, na qual o princípio da analogia foi uma importante pauta dos linguistas. Outros autores também foram deixados de lado, mesmo entre os alemães, como Wilhelm Scherer (1841-1886), e especialmente os de línguas nas quais minha competência de leitura falharia, como os franceses Michel Bréal (1832-1915), Gaston Paris (1839-1903), e Abel Hovelacque (1843-1896), o italiano Graziadio Isaia Ascoli (1829-1907), os poloneses Baudouin de Courtenay (1845-1929) e Mikołaj Kruszewski (1851-1887), entre outros. O trabalho também não englobou outras vertentes linguísticas para além da comparativa e os autores que estiveram em contato com comparativistas. Desse modo, também não foram abordados os trabalhos de linguística descritiva realizados por missionários, viajantes e outros grupos que estiveram em contato frequente com povos americanos, africanos, asiáticos e oceânicos. O recorte temporal, por sua vez, não foi suficientemente extenso para cobrir o surgimento de novas correntes, como a dialetologia e o idealismo, nem o desenvolvimento de áreas mais gerais, como a fonética, a fonologia e a morfossintaxe, fosse dentro ou fora da linguística comparativa. Esses são apenas alguns exemplos de recortes possíveis de submeterem o modelo lakatosiano à prova como ferramenta de compreensão da história da ciência, em especial da ciência da linguagem.

Por fim, gostaria de tecer algumas considerações sobre a relação entre este trabalho e as áreas afins da filosofia da linguística. Apesar de entender que a filosofia da linguística, a sociologia da linguística e a historiografia (da) linguística sejam campos diferentes, cada uma com suas próprias especificidades, metodologias e recortes do objeto que compartilham (a ciência da linguagem), creio que seja possível e até desejável que haja uma constante troca de saberes entre elas. Sem o auxílio da sociologia da linguística realizada por Amsterdamska (1987) e Murray (1994), esse trabalho não seria capaz de atingir seus objetivos, uma vez que

mesmo uma filosofia da ciência que defenda a tese da cientificidade – como é o caso da que realizei nesta dissertação – não é capaz de excluir completamente o componente social da atividade científica. A separação entre valores cognitivos e valores sociais que adotei não me fornece ferramentas para analisar como se dão as relações entre cientistas e grupos, o processo de institucionalização de uma nova disciplina, as relações de poder estabelecidas pela hierarquia acadêmica, o prestígio exercido por revistas científicas dentro de determinados contextos, etc. De modo semelhante, sem a historiografia (da) linguística, meu trabalho também seria infinitamente menos eficaz em detectar, entre muitas coisas, as intertextualidades dos autores estudados, as diferenças cruciais entre o contexto de publicação da obra e os de suas recepções, os levantamentos bibliográficos de publicações pertinentes na área, além, é claro, das insubstituíveis contribuições de autores como E.F.K. Koerner⁶¹. Creio que, da mesma forma, a sociologia da linguística e a historiografia (da) linguística podem tirar proveito, de algum modo, deste trabalho, ainda que seja pela via da discordância.

61 É uma pena que Koerner tenha nos deixado poucos meses antes da conclusão deste trabalho. Apesar de eu chegar a conclusões tão opostas às dele, seu trabalho foi de enorme inspiração para mim e tantos outros que se ocuparam da história da linguística. Suas contribuições são tão valorosas que me foi impossível não as referenciar em tantos pontos do texto. Não ter tido a oportunidade de apresentar minhas considerações a ele me entristece muito.

REFERÊNCIAS

- ALTER, Stephen George. **William Dwight Whitney and the Science of Language**. Baltimore e Londres: The John Hopkins University Press, 2005.
- ALTMAN, Cristina. Linguística, filosofia e suas historiografias. **Revista Letras**, Curitiba, vol. 104, n. 1, p. 7-31, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/80499>
- ALVES, Daniel Caon. **Análise e crítica do conceito de ciência normal de Thomas Kuhn e sua filosofia da ciência de viés histórico**. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- AMSTERDAMSKA, Olga. **Schools of thought**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1987.
- AYMORE, Débora de Sá Ribeiro. **O modelo de historiografia da ciência kuhniano**: da obra A estrutura das revoluções científicas aos ensaios tardios. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- BLAIR, Hugh. **Lectures on rhetoric and belles lettres**. vol. 1 3a. ed. Londres e Edimburgo: A. Strathan, T. Cadell, W. Creech, 1787. Disponível em: <https://archive.org/details/lecturesonrheto31blaigoog/mode/2up>
- BORGES NETO, José. **A gramática gerativa transformacional**: Um ensaio de Filosofia da Linguística. 1990. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.
- BORGES NETO, José. O pluralismo teórico na linguística. *In*: BORGES NETO, José. **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 67-82.
- BRUGMANN, Karl. Nasalis sonans in der indogermanischen Grundsprache. **Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik**, Leipzig, vol. 9, p. 285-338, 1876a. Disponível em: <https://archive.org/details/studienzurgriech09curt/page/284/mode/2up>
- BRUGMANN, Karl. Zur Geschichte der Stammabstufenden Declinationen. Erste Abhandlung: die Nomina auf -ar- und -tar-. **Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik**, Leipzig, vol. 9, p. 361-406, 1876b. Disponível em: <https://archive.org/details/studienzurgriech09curt/page/360/mode/2up>
- BRUGMANN, Karl. Resenhas de: MARTY, Anton. Der Ursprung der Sprache im Zusammenhang mit den letzten Fragen alles Wissens. Würzburg, A. Stuber's Buchhandlung, 1876; STEINTHAL, Heymann. Der Ursprung der Sprache im Zusammenhange mit den letzten Fragen alles Wissens. 3a.ed. Berlim, Ferd. Dümmlers Verlagsbuchhandlung, 1877; NOIRÉ, Ludwig. Der Ursprung der Sprache. Mainz, Victor von Zabern, 1877. **Jenaer Literaturzeitung**, n.45, p. 693-695, 1877. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jparticle_00252714

CAMPBELL, George. **Philosophy of rhetoric**. Londres: William Tegg & Co., 1850 [1776]. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.180837>

CHEN, Beijia. The Influence of Hermann Paul's Linguistic Ideas after the First Publication of *Prinzipien der Sprachgeschichte* (1880). **Amsterdamer Beiträge zur älteren Germanistik**, Amsterdam, vol. 78, p. 313-335, 2018.

CHRISTY, Thomas Craig. **Uniformitarianism in Linguistics**. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1983.

CURTIUS, Georg. **Grundzüge der griechischen Etymologie**. 2a. ed. Leipzig: B. G. Teubner Verlag, 1866. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_Vx4SiLzM9GgC/page/n5/mode/2up

CURTIUS, Georg. **Zur Chronologie der indogermanischen Sprachforschung**. Leipzig: S. Hirzel, 1873. Disponível em: <https://archive.org/details/zurchronologied00curtgoog/mode/2up>

CURTIUS, Georg. **Grundzüge der griechischen Etymologie**. 5a. ed. Leipzig: B. G. Teubner Verlag, 1879. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_TrwCAAAAMAAJ/page/n7/mode/2up

CURTIUS, Georg.; WINDISCH, Ernst. (Org.). **Kleine Schriften von Georg Curtius**. 2 v. Leipzig: S. Hirzel, 1886. Disponível em: <https://archive.org/details/ausgewhlteabhan00curtgoog/mode/2up>

DOMINGOS, Paula Regina Scoz; OLIVEIRA, Roberta Pires de. Ciência da Linguagem: uma reflexão sobre o conceito de paradigmas. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 18, n. 22, p. 1-19, 2016. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/3239>.

DELBRÜCK, Berthold. Die deutsche lautverschiebung. **Zeitschrift für deutsche Philologie**, vol.1, p. 1-21, 1869a. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044021198197&view=1up&seq=15>

DELBRÜCK, Berthold. Die deutsche lautverschiebung (Fort. und schluss). **Zeitschrift für deutsche Philologie**, vol.1, p. 133-156, 1869b. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044021198197&view=1up&seq=147&skin=2021>

DELBRÜCK, Berthold. Die declination der substantiva im germanischen insonderheit im gotischen. **Zeitschrift für deutsche Philologie**, vol.2, p. 381-407, 1870. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044098635592&view=1up&seq=395&skin=2021>

DELBRÜCK, Berthold. **Einleitung in das Sprachstudium**. Ein Beitrag zur Geschichte und Methodik der vergleichenden Sprachforschung. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1880. Disponível em: <https://archive.org/details/einleitungindas03delbgoog/mode/2up>

GRIMM, Jacob. **Deutsche Grammatik**. 2a. ed. expandida vol. 1. Berlim: Ferd. Dümmlers Verlagsbuchhandlung, 1869. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_nNf_o_70GEC/mode/2up

GRIMM, Jacob. **Vorreden zur Deutschen Grammatik von 1819 und 1822**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968. Disponível em: <https://archive.org/details/vorredenzurdeuts0000grim>

HAUGER, Brigitte Seidensticker. **Johan Nicolai Madvig (1804-1886)**: The language theory of a classical philologist, investigated within the framework of 19th-century linguistics. 1990. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculty of the Graduate School of Georgetown University, Universidade de Georgetown, Washington.

HEDGE, Levi. **Elements of logick**. Boston: Hilliard, Gray & Co., 1833 [1816]. Disponível em: <https://archive.org/details/elementsoflogick05hedg>

HOOYKAAS, Reijer. Catastrophism in Geology: Its scientific character in relation to actualism and uniformitarianism. **Medelingen der Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen, Afd. Letterkunde**, v. 33, n. 7, p. 271-316, 1970.

HUMBOLDT, Wilhelm. von. **Über die Kawi-Sprache auf der Insel Java, nebst einer Einleitung über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts**. vol. 1. Berlim: Königlichen Akademie der Wissenschaften, 1836. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_aRYMTvXeLWYC/mode/2up

HUMBOLDT, Wilhelm. von. **Gesammelte Schriften**. vol. 4 tomo 1. Berlim: B. Behr's Verlag, 1905. Disponível em: <https://archive.org/details/gesammelteschri01berlgoog/mode/2up>

JANKOWSKY, Kurt Robert. **The Neogrammarians**: A re-evaluation of their place in the development of linguistic science. Paris e Haia: Mouton, 1972.

KLAUTKE, Egbert. Völkerpsychologie in 19th-Century Germany: Lazarus, Steinthal, Wundt. In: PODOKSIK, Efraim. (Org.). **Doing Humanities in Nineteenth-Century Germany**. Leiden e Boston: Brill, 2019. p. 243-263.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Towards a Historiography of Linguistics: 19th and 20th Century Paradigms. **Anthropological Linguistics**, Bloomington, vol. 14, p. 255-280, 1972.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. The Neogrammarian Doctrine: Breakthrough or Extension of the Schleicherian Paradigm, A problem in linguistic historiography. **Folia Linguistica Historica**, Berlim, vol. 15, n. 2-2, p. 157-187, 1981.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Models in Linguistic Historiography. In: KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. **Practicing Linguistic Historiography**: Selected essays. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins, 1989a. p. 47-60.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. The Chomskyan 'Revolution' and Its Historiography: Observations of a bystander. In: KOERNER, Ernst Frideryk Konrad.

Practicing Linguistic Historiography: Selected essays. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins, 1989b. p. 101-146.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Pilot and Pirate Disciplines in the Development of Linguistic Science. *In:* KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. **Practicing Linguistic Historiography:** Selected essays. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins, 1989c. p. 245-256.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Jacob Grimm's Place in the Foundation of Linguistics as a Science. *In:* KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. **Practicing Linguistic Historiography:** Selected essays. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins, 1989d. p. 303-324.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. August Schleicher and Linguistic Science in the Second Half of the 19th Century. *In:* KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. **Practicing Linguistic Historiography:** Selected essays. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins, 1989e. p. 325-376.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Mikołaj Kruszewski's Contribution to General Linguistic Theory. *In:* KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. **Practicing Linguistic Historiography:** Selected essays. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins, 1989f. p. 377-400.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. The Neogrammarian Doctrine: Breakthrough or Extension of the Schleicherian Paradigm. A problem in linguistic historiography. *In:* KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. **Practicing Linguistic Historiography:** Selected essays. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins, 1989g. p. 79-100.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. A importância da historiografia linguística e o lugar da história nas ciências da linguagem. *In:* KOERNER, Ernst Frideryk Konrad.; KEMMLER, Rolf. (Org.); ALTMAN, Cristina (Org.). **Quatro décadas de historiografia linguística:** estudos selecionados. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014a. p. 9-15.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Historiografia linguística. *In:* KOERNER, Ernst Frideryk Konrad.; KEMMLER, Rolf. (Org.); ALTMAN, Cristina (Org.). **Quatro décadas de historiografia linguística:** estudos selecionados. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014b. p. 17-28.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Ainda sobre a importância da historiografia linguística. *In:* KOERNER, Ernst Frideryk Konrad.; KEMMLER, Rolf. (Org.); ALTMAN, Cristina (Org.). **Quatro décadas de historiografia linguística:** estudos selecionados. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014c. p. 29-43.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Questões que persistem na historiografia linguística. *In:* KOERNER, Ernst Frideryk Konrad.; KEMMLER, Rolf. (Org.); ALTMAN, Cristina (Org.). **Quatro décadas de historiografia linguística:** estudos selecionados. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014d. p. 45-64.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Linguística e revolução: com especial referência à 'revolução chomskyana'. In: KOERNER, Ernst Frideryk Konrad.; KEMMLER, Rolf. (Org.); ALTMAN, Cristina (Org.). **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014e. p. 175-220.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. **Last papers in Linguistic Historiography**. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2020.

KUHN, Thomas. **The Structure of Scientific Revolutions**. Londres e Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

LACEY, Hugh. Valores cognitivos. In: LACEY, Hugh. **Valores e atividade científica 1**. Trad. Marcos Barbosa de Oliveira, Eduardo Salles de Oliveira Barra, Carlos Eduardo Ortolan Miranda. 2a. ed. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia/ Editora 34, 2008. p. 83-116.

LAKATOS, Imre. Falsification and the Methodology of Scientific Research Programmes. In: LAKATOS, Imre.; MUSGRAVE, Alan. (ed.) **Criticism and the Growth of Knowledge**. Proceedings of the International Colloquium in the Philosophy of Science, London, 1965, vol. 4. Cambridge: Cambridge University Press, 1970. p. 91-196.

LAZARUS, Moritz.; STEINTHAL, Heymann. Einleitende Gedanken über Völkerpsychologie, als Einladung zu einer Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft. **Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft**, vol. 1., p. 1-74, 1860. Disponível em: <https://www.digi-hub.de/viewer/toc/DE-11-001657808/1/>

LEROUX, Jean. An Epistemological Assessment of the Neogrammarian Movement. In: KIBBEE, Douglas A. (ed.) **History of Linguistics 2005**. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 262-273.

LESKIEN, August. **Die Declination im Slavisch-Litauischen und Germanischen**. Leipzig: S. Hirzel, 1876. Disponível em: <https://archive.org/details/diedeclicationi00leskgoog/mode/2up>

MADVIG, Johan Nicolai. **Kleine philologische Schriften**. Leipzig: Teubner, 1875. Disponível em: <https://archive.org/details/kleinephilologis00madv/page/n3/mode/2up>

MADVIG, Johan Nicolai. **Kleine philologische Schriften**. Leipzig: Teubner, 1875. Resenha de: BRUGMANN, Karl. **Literarisches Centralblatt**, v. 4, p. 114-116, 22 de jan. 1876c. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_aYwDAAAAYAAJ/page/n73/mode/2up

MCELVENNY, James. August Schleicher and Materialism in 19th-Century Linguistics. **Historiographia Linguistica**, vol. 45, n. 1/2, p. 133-152, 2018.

MORPURGO DAVIES, Anna. **History of Linguistics, Volume IV: Nineteenth-Century Linguistics**. Londres e Nova York: Longman, 1998.

MUKAI, Naoki. Die Befreiung des „Volksgeistes“. **Neue Beiträge zur Germanistik**, v. 132, p. 58-77, 2007. Disponível em:

https://www.jstage.jst.go.jp/article/jgg/132/0/132_KJ00004594996/_article/-char/en

MUKAI, Naoki. H. Steinthal: A psychologist of the Jewish people. **European Journal of Jewish Studies**, v. 6, n. 2, p. 275-296, 2012. Disponível em: https://brill.com/view/journals/ejjs/6/2/article-p275_4.xml

MÜLLER, Max. **Lectures on the Science of Language**. 2a.ed. Londres: Longman, Green, Longman, Roberts & Green, 1864. Disponível em:

<https://archive.org/details/cu31924073039061/mode/2up>

MÜLLER, Max. **Chips from a German Workshop**, Volume IV. Essays chiefly on the Science of Language. Londres: Longmans, Green and Co., 1875. Disponível em:

<https://archive.org/details/chipsfromagerma02unkngoog/mode/2up>

MURRAY, Stephen Omer. **Theory groups and the study of language in North America**: a social history. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins Publishing Co., 1994.

NERLICH, Brigitte; CLARKE, David D. **Language, action and context**: the early history of pragmatics in Europe and America, 1780-1930. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins Publishing Co., 1996.

OSTHOFF, Hermann. Etymologisches, lautliches und grammatisches. **Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung auf dem Gebiete der Indogermanischen Sprachen**, vol. 23, n.1, p. 84-94, 1877. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/i40037795>

OSTHOFF, Hermann. **Das physiologische und psychologische Moment in der sprachlichen Formenbildung**. Berlim: Carl Habel, 1879. Disponível em:

<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.b4017250&view=1up&seq=5&skin=2021>

OSTHOFF, Hermann; BRUGMANN, Karl. **Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen**. vol.1. Leipzig: Verlag von S.

Hirzel, 1878. Disponível em: <https://archive.org/details/morphologischeu06bruggoog/mode/2up>

OSTHOFF, Hermann; BRUGMANN, Karl. Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen. vol.1. Leipzig: Verlag von S. Hirzel, 1878. Resenha de: BEZZENBERGER, Adalbert. **Göttingische gelehrte Anzeigen**. p. 641-672, 21. de mai. 1879. Disponível em: <https://rep.adw-goe.de/handle/11858/00-001S-0000-0023-9BD2-3>

PAUL, Hermann. Zur Lautverschiebung. **Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur**, vol. 1, p. 147-201, 1874. Disponível em:

<https://archive.org/details/beitrgezurgesc01halluoft/page/146/mode/2up>

PAUL, Hermann. Die vocale der flexions- und ableitungs-silben in den ältesten germanischen dialecten. **Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur**, vol. 4, p. 314-475, 1877. Disponível em:

<https://archive.org/details/beitrgezurgesc04halluoft/page/314/mode/2up>

PAUL, Hermann. **Principien der Sprachgeschichte**. Halle: Max Niemeyer, 1880. Disponível em: <https://archive.org/details/principiendersp03paulgoog>

PAUL, Hermann. **Principien der Sprachgeschichte**. Halle: Max Niemeyer, 1880. Resenha de: MISTELI, Franz. **Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft**, vol. 13, p. 376-409, 1882. Disponível em: https://www.digi-hub.de/viewer/image/DE-11-001661149/388/LOG_0041/

PERCIVAL, Walter Keith. The applicability of Kuhn's paradigms to the history of linguistics. **Language**, vol. 52, n. 2, p. 285-294, 1976.

SCHLEICHER, August. **Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen**. v.1. Weimar: Hermann Böhlau, 1861. Disponível em: <https://archive.org/details/compendiumderve01schlgoog/mode/2up>

SCHLEICHER, August. **Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen**. v.2. Weimar: Hermann Böhlau, 1862. Disponível em: <https://archive.org/details/compendiumderve01schlgoog/mode/2up>

SCHLEICHER, August. **Die Darwinsche Theorie und die Sprachwissenschaft**. Weimar: Hermann Böhlau, 1863. Disponível em: https://www.deutschestextarchiv.de/book/show/schleicher_darwin_1863

SCHLEICHER, August. **Über die Bedeutung der Sprache für die Naturgeschichte des Menschen**. Weimar: Hermann Böhlau, 1865. Disponível em: <https://opacplus.bsb-muenchen.de/title/BV013051518>

SCHLEICHER, August. Eine fabel in indogermanischer ursprache. **Beiträge zur vergleichenden Sprachforschung auf dem Gebiete der arischen, celtischen und slawischen Sprachen**, vol. 5, n. 2, p. 206-208, 1868. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/23458804?seq=1#metadata_info_tab_contents

SCHLEICHER, August. **Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen**. 3a. ed. Weimar: Hermann Böhlau, 1871. Disponível em: <https://archive.org/details/compendiumderve07schlgoog/mode/2up>

SCHLEGEL, Friedrich von. **Über die Sprache und Weisheit der Indier**. Ein Beitrag zur Begründung der Alterthumskunde. Heidelberg: Mohr und Zimmer, 1808. Disponível em: <https://archive.org/details/ueberdiespracheu01schl/mode/2up>

SCHMIDT, Johannes. Schleichers Auffassung der Lautgesetze. **Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung**, vol. 28, p. 303-312, 1887. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40845801>

SCHMIDT, Johannes. Resenha de: LESKIEN, August. Die Declination im Slavisch-Litauischen und Germanischen. Leipzig: Hirzel, 1876. **Jenaer Literaturzeitung**, n. 17, p. 269-272, 1877. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jparticle_00230131

SCHUCHARDT, Hugo. **Ueber die Lautgesetze**. Gegen die Junggrammatiker. Berlin: Oppenheim, 1885. Disponível em: <http://schuchardt.uni-graz.at/id/publication/55>

SIEVERS, Eduard. **Grundzüge der Lautphysiologie zur Einführung in das Studium der Lautlehre der indogermanischen Sprachen**. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1876. Disponível em:

<https://archive.org/details/grundzgederlaut00sievgoog/mode/2up>

SILVA, Paulo Pirozelli Almeida. **A estrutura das controvérsias científicas: a sociologia da ciência de Thomas Kuhn**. 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SILVÉRIO, Aderlan. **Epistemologia comparativa: uma percepção sobre Kuhn e Fleck para além d'A Estrutura**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) – Setor de Ciências Exatas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

STEINTHAL, Heymann. **Philologie, Geschichte und Psychologie in ihren gegenseitigen Beziehungen**. Berlim: Ferd. Dümmler's Verlagsbuchhandlung, 1864. Disponível em: <https://archive.org/details/philologiegesch00steigoog/mode/2up>

STEINTHAL, Heymann. **Die Mande-Neger-Sprachen psychologisch und phonetisch betrachtet**. Berlim: Ferd. Dümmler's Verlagsbuchhandlung, 1867. Disponível em: <https://archive.org/details/diemandenegersp02steigoog/mode/2up>

STEINTHAL, Heymann. **Abriss der Sprachwissenschaft**. Berlim: Ferd. Dümmler's Verlagsbuchhandlung, 1871. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_qeigrn-lKw4C/page/n5/mode/2up

STEINTHAL, Heymann. Antikritik. [Gegen Whitney, Oriental and linguistic studies] Wie Einer den Nagel auf den Kopf trifft. Ein freundschaftlicher Dialog. **Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft**, vol.8, p. 216-250, 1875. Disponível em: https://www.digi-hub.de/viewer/image/DE-11-001661087/228/LOG_0039/

STEINTHAL, Heymann. **Einleitung in die Psychologie und Sprachwissenschaft**. 2a.ed. Berlim: Ferd. Dümmler's Verlagsbuchhandlung, 1881. Disponível em: <https://archive.org/details/einleitungindiep00steiuoft/mode/2up>

STOLZ, Friedrich. Zur lateinischen Verbalflexion. Innsbruck: Verlag der Wagner'schen Universitätsbuchhandlung, 1882. Resenha de: FICK, August. **Göttingische gelehrte Anzeigen**, p. 583-596, jan. 1883. Disponível em: <https://rep.adw-goe.de/handle/11858/00-001S-0000-0023-9A4D-A>

WHITNEY, William Dwight. **Language and the Study of Language: Twelve Lectures on the Principles of Linguistic Science**. Londres: N. Trübner & Co., 1867. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_ufOeAnt3gV8C/mode/2up

WHITNEY, William Dwight. **Oriental and Linguistic Studies**. Vol. 1. Nova York: Scribner, Armstrong and Co., 1873. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.261003/mode/2up>

WHITNEY, William Dwight. **The Life and Growth of Language: an Outline of Linguistic Science**. Nova York: D. Appleton & Co., 1875. Disponível em: <https://archive.org/details/lifeandgrowthla00whitgoog/mode/2up>

WILBUR, Terence Harrison. **The Lautgesetz-Controversy**: A documentation (1885-86). Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1977.